



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO  
PRETO



## **XVI TURMA**

### **50 ANOS (1972 – 2022)**



## **PÉROLAS DOURADAS**

### **As lembranças continuam**

EDITORES

Paulo Roberto B. Evora (Ludô)

Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)

Ruy Barbosa (Barbosinha)

Adilson de Castro Renesto (Didi)

**- 2022 -**

## ABERTURA

Queridos colegas da gloriosa XVI, bom dia! A data da nossa festa: será de 6ª a Domingo (02 a 04/09/2022).

Vamos curtir muito essa longa convivência que tivemos, contar nossas histórias e com muita alegria. Enfim, são 50 anos de lutas e glórias.

Pedimos a todos que nos auxiliem a “achar os sumidos” e que não constam em nossa listagem.

Quanto aos valores da festa, ainda estamos terminando às negociações, para oferecer o melhor custo benefício a todos. Já adiantamos que o hotel irá facilitar o pagamento (mesmo assim, já vão fazendo uma caixinha). Lembrem-se de que iremos usufruir de uma estrutura hoteleira de resort, que é ótima. Sugerimos aos colegas residentes em RP, que também fiquem no hotel esses dias.

Vamos curtir muito essa longa convivência que tivemos, contar nossas histórias e com muita alegria. Enfim, são 50 anos de lutas e glórias.

Pedimos a todos que nos auxiliem a “achar os sumidos” e que não constam em

“Juntos, somos mais fortes” e saibam que “Sempre é tempo”.

“Juntos, somos mais fortes” e saibam que “Sempre é tempo”.

Forte abraço a todos!!

Evangelina, Scabello, Liyokinho, Goma, Miguel, Pedro, Botta.

28/03/2022

Emocionante mensagem do Mauro Marzochi

Meus queridos. Essa é pro meu querido Ludo, companheiro do 3o. Andar da Casa do Estudante, quando eu era "Presidente" da mesma.

Vocês não vão ver meu nome na lista da XVI Turma, mas ela continua sendo minha "Turma do Coração!"

O meu Lattes explica.

Antes do Internato, como já era formado nas Ciências Biológicas, recebi um convite irrecusável do Prof. Samuel Pessoa para substituí-lo na Cadeira de Parasitologia na Universidade Estadual de Londrina, com direito a concluir o Internato Médico por lá.

Apesar de ter sido o campeão de vendas de canecas para a festa de formatura das queridas VI Med e I CB, fui para Londrina...e depois, em 1977, para Fiocruz, no Rio... Daí, o Scabello me apelidar, carinhosamente, de "Véio do Rio"!!!

. A XVI sempre será minha turma do coração.

### **Nota do Ludô**

**Essa talvez, com certeza, é uma das maiores e boas surpresas relacionadas com a XVI Turma. A ausência do nome do Mauro... Alguém havia reparado esse detalhe? Maurão, você pode ter certeza que você faz parte dos nossos corações... Esse seu depoimento é apenas um detalhe.**

Maturidade #

De repente tudo vai ficando tão simples que assusta. A gente vai perdendo as necessidades vão reduzindo a bagagem. As opiniões dos outros são realmente dos outros, e mesmo que sejam sobre nós não tem importância. Vamos abrindo mão das certezas, pois já não temos certeza de nada . E isto não faz a menor falta. Paramos de julgar, pois já não existe certo ou errado e sim a vida que cada um escolheu experimentar. Por fim entendemos que tudo que importa é ter paz e sossego, e viver sem medo, e fazer o que alegra o coração naquele momento.

Mário Quintana

**# Trecho sugerido pelo Adilson de Castro Renesto**



## INTRODUÇÃO

### Vidas- Saudades- Presente

**(Carlos Henrique Falcão Tavares) (Mafinha)**

Quando respondemos- Presente! à uma Chamada- Chamado mostramos que estamos naquele local- naquela hora = Aqui e Agora Presente! Responder Presente pode ter muitos significados Inclusive às vezes, é por vários motivos "esquecemos" de responder e levamos falta: por distração; omissão;... Outras vezes respondemos Presente por alguém que está faltando, tentando ludibriar um Mestre, um Chefe... E nos responsabilizamos pela presença daquela pessoa.

A ideia seria tentarmos ludibriar a Morte e respondermos, "Presente" pel@ colega que não pode estar nesse Encontro. Então, seria reservada uma sala no próprio Hotel; com material para gravação. .Se não for possível áudio e vídeo, pelo menos áudio; seria escolhido um horário- turno dentro da programação; seriam convidados familiares para representar @s colegas ausentes. Alguma lembrança para ser oferecida ao representante de cada família. Pensei numa orquídea pelo poder que ela tem de se regenerar, e ao fato de vários colegas cultivarem e que talvez pudessem doar ou a Comissão pagar e o valor ser dividido posteriormente A

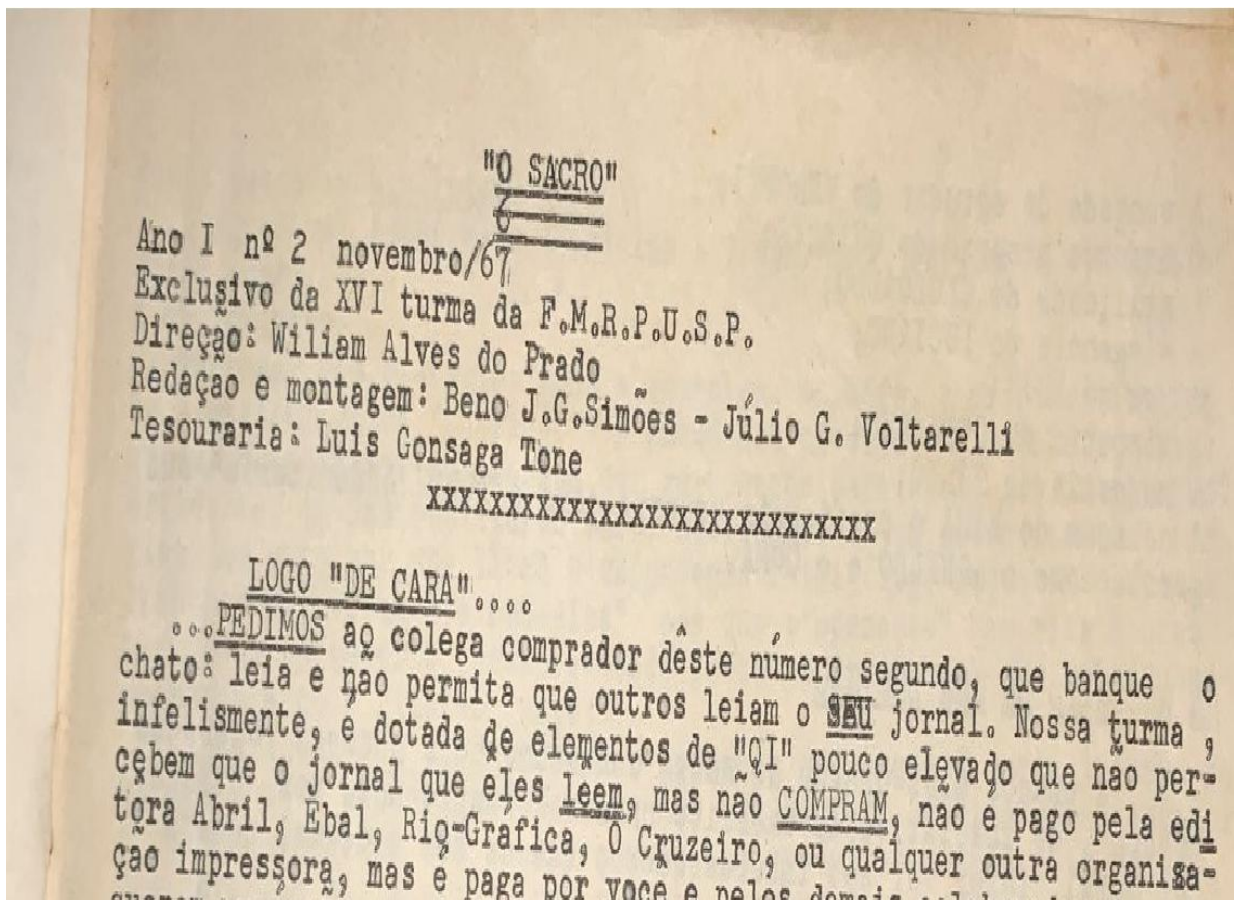
Homenagem se possível começaria com uma sessão ecumênica Em seguida, um@ maestr@ de cerimônia, escolhid@, previamente, e começaria a Chamada dos ausentes- que falecera. Para cada nome chamado algum colega que tivesse algum depoimento seja sobre alguma virtude; seja alguma estória-causo do colega chamado responderia presente e contaria; em seguida alguém da família falaria mais algo que quisesse, receberia a lembrança = orquídea; e passaríamos para o próximo . E assim por diante se não houvesse representante da família a lembrança seria dada a uma pessoa turma que prestou depoimento ou, se mais de uma, que é o que espero, num consenso entre el@s que se não houver?!?! Será decidido pela Comissão

Sinto que cada colega que partiu deixou em alguém da turma mais ou menos recordações - Saudades a serem contadas e que se mantém Presentes mesmo com a Morte E, fico torcendo para que seja um momento comovente, de boas Saudades e que vai nos trazer um bom material para mais edições de nossos causos sempre Presentes

Nota do Editor. A possibilidade de incluir no nosso programa de festividades uma sessão específica de homenagem aos colegas que nos deixaram, foi motivo de controvérsias. Poderia, com certeza, trazer tristeza... A comemoração do nosso "jubileu de ouro" é uma comemoração à vida. Ocorreu-me a ideia de que o singelo texto do Mafinha, por si só é uma grande homenagem aos que nos deixaram. Que cada um deles esteja nas nossas mentes, individualmente, evitando a tristeza coletiva.



## Documentação comprovante da vocação anárquico-literária da XVI





Ribeirão Preto, 25 de Março 1999

XVIª turma – FMRPUSP  
25 anos – “Jubileu de Prata”

Caro (a) colega – Saudações

Com alegria novamente aqui estamos, mantendo mais este contato com todos, para informá-los que voltaremos a fazê-lo com frequência este ano, afim de programarmos alguns encontros.

Além das nossas comemorações de 5/5 anos, estamos pensando em fazer outros tipos de confraternização, em locais variados, fora de Ribeirão Preto uma vez por ano ou a cada dois anos. Aceitamos sugestões, através do telefax que consta no final.

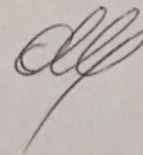
Embora com certo atraso, e nos desculpem por isto, estamos enviando-lhes conforme prometido a foto comemorativa à nossa reunião de 25 anos de formatura e o livreto com relação e endereço de todos os colegas de turma. Como vocês podem observar, vários não foram localizados, e caso tenham conhecimento destes, entrem em contato conosco.

Desculpem possíveis erros existentes no referido livreto, mas a maior parte deles se deveu a certa ineligibilidade ou falha no preenchimento dos formulários que foram entregues a cada um, por ocasião da nossa festa. Ainda que não tenhamos chance de corrigi-los, caso observem dados errados, enviem-nos correção via fax, para que pelo menos em nosso fichário tenhamos dados corretos, o que nos facilitará em próximos comunicados.

A todos, nosso forte abraço, saudades universitárias e um até breve.

Comissão de Formatura

Comissão de Formatura  
XVIª turma FMRPUSP  
Miguel, Julio, Ferriani, Marcus, Liyoko, Evora  
Fone/Fax: 016-636-4000



**UMA sugestão que só foi cumprida parcialmente... UMA PENA**

## Sumário

1. Professor Euriclydes de Jesus Zerbini. Algumas Vinhetas Especiais. Paulo Roberto B. Evora (Ludô)
2. “Pérolas Cirúrgicas” Paulo Roberto B. Evora (Ludô)
- 3 “Bigorninha” e a Hemiseção da Medula. *Paulo Roberto B. Evora (Ludô)*
4. Dia que o Nando (Pião)Escandalizou o Departamento em Nível” Nunca Dantes Navegado”. *Paulo Roberto B.Evora (Ludô)*
5. Chuchu afrodisíaco Paulo Roberto B. Evora (Ludô)
6. A Estátua e o Coronel . Paulo Roberto B. Evora (Ludô)
7. Na Cava do Bosque Palco Dos Jogos de Futebol de Salão, Basquete e Vôlei. (*Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)*)
8. Doutor Aderbal Juiz Corregedor de Menores. Um Grande Vizinho. (*Ruy Barbosa*)
9. Ecos do Encontro dos 45 Anos de Formatura da XVI. "Falem Mal, Mas...Longe De Mim" (Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha))
11. Rituais-Luciano (Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha))
12. Mudando De Conversa...(Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha))
13. "Homenagens-Tentativas de Definir Indefiníveis " Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)
14. Covid 19, Eu e a XVI Turma Da FMRP-USP (Ruy Barbosa) (Barbosinha)
15. Memórias (Adilson de Castro Renesto) (Didi)
16. Banho de Água no Robertinho (Ruy Barbosa)
- 17.“Proposta de Atear Fogo na Coca-Cola para Protestar Contra o Imperialismo Americano” (Paulo Roberto B. Evora (Ludô))
18. A Calça Lee, Duas Versões da Mesma História. (Paulo Roberto B. Evora) (Ludô)
19. Mariza Colicchio e o Olhar (Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha))

20. Um Dia De Fúria (Mario Flavio Pannuti)
21. As “Guerras D’água (Re-Relembração) ( Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)
22. “A Morte Do Costa e Silva” (Re-Relembração) ( Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)
23. Casa Do Estudante Seus Quartos e Ocupantes (Re-Relembração) (Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)
24. A Tríade Clínica de Brigué. Uma Pérola da Fisiopatologia (Re-Relembração) ( Paulo Roberto B. Évora (Ludô)
26. Pedro Bala e a Maçaneta – Um Caso Escatológico (Re-Relembração) ( Paulo Roberto B. Évora (Ludô)
27. "Coelho Assado" (Re-Relembração) (Luis Carlos Cerveira)
28. Vinhetas (Re-Relembração (Pedro Tannous (Pedro Bala) E Luis Carlos Cerveira (Brigué))
29. Olfatos Que Não Olvidamos (Carlos Henrique Falcão Tavares)
30. O Mistério Do Radinho De Pilha (Mauro Marzochi)
31. Atividades Sociais Do Centro Acadêmico Rocha Lima (Paulo Roberto B, Evora (Ludô)
32. Os primórdios de nossa atividade profissional (Antonio Carlos Panzardi (Panza).

## 1. PROFESSOR EURICLYDES DE JESUS ZERBINI. ALGUMAS VINHETAS ESPECIAIS.

**Paulo Roberto B. Evora (Ludô)**

**Zerbini 1** – Fim de atividades no centro cirúrgico da Beneficência Portuguesa em São Paulo – eu deitado no chão do corredor esperando para transportar o paciente... De repente abre-se a porta do elevador e surge o Prof Zerbini, ainda paramentado e de posse de uma radiografia de tórax...Rapidamente me levantei e esperei uma admoestação (“A formação de um cirurgião é um misto de militar e monástico” e eu deitado no corredor...).

-”Filho, você está estagiando no meu serviço”?

-“ Não professor, sou estagiário do Prof. Jatene

- Me pegando pelo braço, enquanto caminhávamos..

“ Você me conhece... Sou o Prof Zerbini...Eu sou muito famoso, talvez só o Pitanguy seja mais famoso do que eu... Fiz o transplante cardíaco do João Boiadeiro...Vão até lançar um marca-passo com meu nome.. Olha isso aqui... e me mostrou no radiogarfia ponta de um aspirador...

“Isso não pode acontecer”... Vou precisar reabrir o paciente...

Sempre que relembro esse caso, preciso conter as minhas lágrimas...como dizia uma carta de um residente sul-coreano (não mais encontrei), TALVEZ A FALTA DE ÍDOLOS POSSA INFLUENCIAR O FUTURO DA CIRURGIA CARDÍACA.

NOTA: Aproveito a ocasião para renovar meus agradecimentos aos amigos Alexandre e Scabello, irmãos da XVI turma da FMRPUSP, por me hospedarem por 3 meses em São Paulo, em um período de “vacas magras”. Muito obrigado, Foram 3 meses fundamentais na minha formação.

#####

**Zerbini 2** – Em uma das jornadas de cirurgia cardíaca em Ribeirão Preto solicitei ao Prof Zerbini dedicatória no livro “O operário do Coração”

“ Ao amigo Paulo Roberto

Zerbini” –

De imediato, após verificar o meu crachá em nome de Paulo Evora, não resisti...

-”Professor, nem a minha mãe deve lembrar o Roberto do meu nome..

“Paulo/São Paulo – Roberto/nome do meu filho e Evora/como todo muito te conhece...E, me lembrei da sua primeira apresentação sobre Fluxo Pulsátil lá no Macksoud Plaza.

#####

**Zerbini 3** – Em 1980 a minha tese de doutorado orientada pelo Prof Albert Sader, foi publicada como Editorial na revista CHEST. Junto com essa publicação veio um convite para me associar ao American College of Chest Physicians. Eu precisava de dois apresentadores. Olhei no corpo editorial da revista e lá estavam os nomes do Prof. Zerbini e do Prof. Jesse Teixeira. Quando falei com o Prof Zerbini ele colocou um cartão no meu bolso dizendo

- “Liga para minha casa depois das 23 horas” e, diante da minha reação...”Eu trabalho muito e durmo pouco...”.

Depois a minha apresentação foi feita pelo Prof John Lane da UNICAMP.

Cenário após 6 – 8 meses no Centro de Convenções do Anhembi – Congresso Brasileiro de Cardiologia – Seis mil inscritos – O Professor Zerbini cercado por incontáveis jovens. Eu passo, brinco com um jovem em um emocionado aperto de mãos – “Pelo menos um mês sem lavar as mãos... E, prosseguindo, já cerca de 15-20 metros, ouço

“Evora, eu assinei a sua apresentação do American College ?

#####

**Zerbini 4.** No meio do burburinho de encerramento de uma das jornadas de cardiologia de Ribeirão Preto, eu estava conversando com o Fernando Amaral, quando sinto alguém puxando a manga do meu paletó. Era o Prof. Zerbini...

-“Evora, posso lhe fazer uma confissão? Falta no meu currículo um chopinho no Pinguim”.

-“Não acredito, até o Pitanguy já tomou um chopinho no Pinguim... Temos ainda 2 horas até o jantar de encerramento... E lá fomos a pé, professor, Fernando Amaral e eu. No caminho o professor, repetidamente dizia;

-“ Tomarei apenas um chopinho...”

Resumo da história: Até onde eu pude contar o Prof Zerbini já havia superado 12 “chopinhos”. Não sei onde arranjam tanto assunto, uma vez que havíamos combinado que falar de medicina estava proibido. Mas, eu me lembro que pedi para ele confirmar um fato, e ele confirmou, a mim relatado várias vezes pelo Noedir Stolf. Em um determinado congresso estavam no bar do hotel o Prof, Zerbini e o Dr. Bittencourt, quando duas jovens começaram a olhar para eles...

“Professor, elas estão olhando para nós...Vamos lá conversar...”

“Eu não... Vai que elas topam.

## 2. “Pérolas cirúrgicas”

**Paulo Roberto B. Evora (Ludô)**

1. João Melki (R2) ajudando o Gabas (R10 em uma herniorrafia...

- Gabas: “Melki, eu acho que...

- Melki “: “Aqui você não acha nada, quem acha aqui sou eu...”

Nota: passagem que foi considerada uma das mais puras frases representativa do paradigma “A formação do cirurgião é um misto de militar e monástica”.

#####

2. Mieli (R2) auxiliando a primeira apendicectomia realizada (melhor, que seria realizada pelo Celsão (R1).

“Vamos Celsão, vamos acabar logo com isso..

“ Calma, Mieli, eu nunca fiz uma apendicectomia”...

“Mieli desacorsuadamente...

“Nem eu”...

Segundo o Celsão um estudante interno, com uma cara de vagal disse com todo cuidado: Eu dou uns plantões fora (“polacas”) e já fiz mais de 20 apendicectomias, se vocês quiserem, posso dar uns palpites.

O Celsão, com aquela finesse que lhe é peculiar, mandou o aluno se trocar e este retirou o apêndice vapt-vupt. Terminou com o Celsão dizendo:

“Se você contar isso para alguém, você é um homem morto”.

#####

3. Cenário: Professor Castelfranchi operando, resmungando contra a enxaqueca, e auxiliado por residentes e internos. De repente o Gabas, que assistia a cirurgia, foi surpreendido...

“Me esqueci de um passo importante da cirurgia...Gabas, “per favore”, corre até `biblioteca do departamento e pede para a Vicentina me enviar o Otolenghi (livro de técnica



cirúrgica)... Correndo, a cirurgia já está demorando muito... O Gabas sai “ escafedendo”, e voltando com o livro pergunta ao Prof qual era a página...

“A página?? Deixa eu pensar...Me lembrei da cirurgia...”

#####

4. Jesualdo Cherri operando um aneurisma abdominal roto...Impropérios totais, sangue para todo o lado...De repente, o Cherri vira para o Omar (residente) e aos berros...

“Omar me dá um beijinho”...

“Você já viu foda sem beijinhos?”

“ Omar, VOCÊ TÁ ME FUDENDO”

#####

5. Galileu Zuardi e Adilson chegando em Gramado no sul, no Fusca do Galila:.....DORMIMOS OS TRÊS! Por Deus saímos pro acostamento do lado certo, do passageiro, acordamos os Três. NINGUÉM mais dormiu.!

#####

6. Sidão lavando as Mãos antes de cirurgia ocular de Criança e vai até a porta do centro cirúrgico perguntar pra Mãe:::"QUAL É O OLHO MESMO" .....A. MÃE quase apagou!!!!

### 3 “BIGORNINHA” e a HEMISECÇÃO DA MEDULA

**Paulo Roberto B. Evora (Ludô)**

Antes do domínio completo da net, as instituições preservavam, e preservava a si própria, com as tradições. A reunião clínico-cirúrgica das quintas-feiras, às 7:15 hs, era uma dessas tradições. A Sala A foi o palco de tristezas, lágrimas e gargalhadas. Nesse cenário, plagiando David Bowie, Bigorninha teve seu dia de “heroe for one Day.

O Bigorninha era uma figura adorável, mas um pouco sério. Além de “Bigorninha”, pelo formato da cabeça, ele também atendia pelo apelido de “Frango veloz” em alusão ao frango da Sadia, que à semelhança dele também usava uma motoquinha como meio de transporte.

Bigorninha e seu dia de herói só por um dia, mas seu feito é ainda cantado em prosas e versos. O mês era maio e estava muito frio. Nosso herói entra discretamente no anfiteatro e no meio do povão ajeita a gola de seu casaco de motoqueiro. Tipo “easy rider” e entrega-se aos braços de Morfeu. O Prof. Estava falando sobre condutas cirúrgicas na tuberculose pulmonar, e o Bigorninha “pra lá de Marraquech”. No momento em que o Prof começou a discorrer sobre a decorticação pleural aponta para o Bigorna:

- “Você aí, o que é decorticação?”

Aí o colega do lado dá uma cutucada no herói e ele houve pela terceira ou quarta vez o questionamento sobre a decorticação e Bigorninha, educado como sempre, dá uma olhada para o teto.

- “Professor eu não tenho certeza, mas creio que se trata da secção da medula”.

O Professor Ferreira-Santos resolveu dar corda para ver até onde a situação ia chegar, pois não havia nenhum indício de que o aluno estivesse de gozação...

- Você sabe quais as principais indicações da decorticação? -

“Também não tenho certeza, mas creio que pode ser utilizada para dor, e estão dizendo que é bom para asma”. (Na época corria algumas teorias de que a vagotomia torácica poderia aliviar broncoespasmos de difícil tratamento”).

A essas alturas, com todo respeito a galera já não se continha mais, e vem a última pergunta do professor:

-“Mas, realiza-se uma secção completa da medula?”

- Não professor, creio (fazendo um sinal com a mão) que só a metade.

Aí a galera entrou em delírio carregando o Bigorninha

“Está encerrada a sessão”.

Diz o folclore que, provavelmente essa foi a única reunião coordenada pelo Professor Ferreira-Santos, que não durou exatamente 60 minutos.

#### **4. O dia em que o Nando (pião) escandalizou o departamento de cirurgia em “ nível nunca dantes navegado”.**

**Paulo Roberto B.Evora (Ludô)**

É provável que a XVI tenha sido a maior turma da FMRPUSP. A ela agregou-se toda uma turma do Curso de Ciências Biológicas e cerca de 10 alunos que haviam sido reprovados no curso de Bioquímica (um absurdo, pois em nossa época não havia “dependência”). Assim, prosseguimos com uma turma de 108 alunos, até a nossa formatura). Mas já na residência médica agregou-se à nossa turma, Luis Fernando Amprino Ferreira (Nando, Pião etc...). O Nando estudou Medicina No DÊEFE (Distrito Federal). (Uma pessoa adorável que sempre era lembrado como “o cara que faltou na nossa turma”). Foi adotado pela XVI e não deixou jamais de participar das nossas comemorações nesses 50 anos. Mas, ele não tinha a menor noção do que significava “um misto de militar e monástico” e, com certeza contribuiu para amenizar nossos dias. Esse, diga-se de passagem, ainda pode ser encarado como o pilar da formação de um cirurgião.

Esse relato foi escolhido porque, com certeza, pode em sua grandeza, ser até comparado com o feito do Bigorninha e a hemisseccção da medula. A reunião das 7:15 horas era um dos pilares da residência em clinica cirúrgica, “um misto de militar e monástica”. A primeira fileira de carteiras eram destinadas aos professores e às 7:15 em ponto o Nelson Okano fechava a porta de entrada do anfiteatro. Se você chegasse 7:17 a sua frequência ao centro cirúrgico estava vetada por 30 dias e conforme o seu desempenho podia até ser motivo de expulsão.

Pois bem, nosso colega adotivo em sua primeira reunião chega com uma cara de ressaca, educadamente pede licença e senta-se na primeira fileira no lugar do Prof. Piero Castelfrachi, que havia viajado. Nosso herói ficou sentado entre os professores Ferreira-Santos e Albert Sader. O palco estava completo e era impressionante a previsão de uma tragédia grega... Só esse ouvia a voz do Professor. Havia um paradigma, mas fique firme, pois terá o seu dia de popstar.

Se você acha que o relato acabou, enganou-se completamente. Naquele pré-trágico cenário, o Pião puxa um cigarrinho e enquanto fumava, fazia rodelinhas de fumaça as quais eram eliminadas. A essas alturas, o ambiente estava prestes a ser detonado...Até esse momento, até o Prof. Sader, um crônico mal humorado, já não estava se contendo, “and tinhaaraan...”, o

gran finale... O Nando arremessa a bituquinha do cigarro em direção ao quadro negro, e o professor levanta-se e dá uma irada dedada...

“PORCALHÃO E A REUNIÃO ESTÁ TERMINADA...”

Para completar a tragicomédia a expressão de incredulidade do Pião me perguntando:

“Ludô o que fiz demais ???

Respondi: Você detonou os alguns princípios básicos do Departamento:

1. Chegou 25 minutos atrasado.
2. Sentou em uma das cadeiras do Olimpo (lugar do Prof Castelfranchi)
3. Puxou um cigarrinho, e não contente de fazer rodelinhas no ar, você arremessou a bituca no pé da lousa.

Acho que você não vai ser expulso porque você gerou um grau de apoplexia tão grande, que nada vai acontecer. Acharão melhor esquecer...

## 5. CHUCHU AFRODISÍACO

**Paulo Roberto B. Evora**

O poder afrodisíaco do chuchu é um detalhe físico-farmacológico que mereceria uma melhor atenção da comunidade científica. Vou narrar um "racional" para embasar essa afirmativa.

Meu tio Carlos de Campo Grande utilizava uma vitamina alemã para manterá virilidade. É óbvio que nessa época não havia óxido nítrico, Viagra. Cialis. Ele contrabandeava vitamina alemã, chamada KH3, de Pedro Juan Caballero ou Ponta-porã. Um certo dia os fornecedores "cucarachos" deixaram de importar a vitamina e o meu tio entrou em desespero, me fazendo até conversar com o Martins, o prof. Ciconelli...para incentivar a pesquisa de novos medicamentos contra a disfunção erétil.

A solução do problema foi resolvida pelo Agostinho, um grande amigo do meu pai. Quando ganhei meu primeiro carro o Agostinho é que veio para Ribeirão Preto antes do reinício das aulas. O Agostinho diante do desespero crescente do tio Carlos passou a seguinte conduta:

"Carlos, para com isso, chuchu é bem mais barato e mais eficiente do que a KH3". Diante dessa assertiva o tio Carlos se interessou no ato e perguntou como ele usaria o chuchu (cru, cozido com casca ou sem casca...) Resposta rápida do Agostinho:

"Nada disso, você pega um cordonê, ou um barbante forte, amarra o chuchu numa ponta, e outra ponta você amarra no cabeçote do falecido e joga pras costas... Não tem erro... LEVANTA MESMO.

Mas a linha de pesquisa foi mantida pelo Celsão Reis, que pela manhã chegava ao centro cirúrgico extremamente deprimido, declarando que ele estava em uma situação que nem jaca ou melancia resolvia o problema dele.

E, para fechar o assunto, outra ocorrência merece relato. Durante o Congresso de Cirurgia Cardíaca, em Belém do Pará, eu e meu amigo Lafaiete, fomos conhecer a famosa feira Veropeso, onde era possível a aquisição de coisas exóticas. E fomos às barracas que vendiam as mais diferentes de poções que eram curativas para tudo o que você pode imaginar: insônia, insuficiência de todos os órgãos etc. Chamou a atenção do Lafaiete um vidrinho do tamanho de vidro de colírio com o rótulo de "Levanta pinto". O Lafaiete resolveu comprar o vidrinho,

apesar de minha observação de que o vidrinho era muito pequeno com pouca ” solução levanta pinto”. E, diante de uma semi-revolta do Lafaiete que perguntou ”se eu achava que ele estava tão ruim assim” Eu expliquei que uma garrafa de vinho cheia da solução levanta pinto jogada para as costas seria tão eficiente quanto o chuchu e mesmo, mais eficiente do que a jaca ou a melancia, a discussão científica foi encerrada com a observação da mulatinha vendedora,

**“Pô, dotor tu é bom de márquete, eu nunca tinha pensado nisso...”**



## 6. O “Coronel” e a Estátua

**Paulo Roberto B.Evora (Ludô)**

Esse, talvez seja o acontecimento mais singelo por mim vivenciado, o qual venho narrando nesses últimos 50 anos. Eu sempre tive um sonho de escrever um livro de crônicas no estilo do Luis Fernando Veríssimo. Reafirmando sempre que essa história seria importante para a sonhada publicação, pois nas palavras de Nietzsche “nada lhe pertence mais do que os seus sonhos”. Mas, a realidade dos nossos 50 anos de formados na FMRPUSP falou mais forte e decidi perpetuar a saga do coronel e a estátua pela palavra escrita. Começo pela apresentação dos personagens envolvidos além da minha própria “pessoa: Áureo Ferreira (o “Coronel”), seu filho Luis Fernando (o nosso agregado Nando) e o Frangão (engenheiro amigo do Nando dos tempos de faculdade em Brasília)

.O Coronel era pai do Nando e nós o chamávamos de coronel porque frequentemente a nossa residência médica não cobria a nossa conta no bar do Postinho e o coronel tinha que nos socorrer...- *“Vocês ficam se bacaneando com as meninas e o Coronel aqui paga a conta”*.-... e o apelido se consagrou porque inúmeras vezes precisávamos de apelar para o Coronel. Essa situação de inadimplência só foi solucionada pelos garçons do Postinho, com quem jogávamos caxeta após o fechamento do bar. Os garçons passaram a distribuir meus gastos e do Nando pelos fregueses que sempre iam embora deixando os gastos nossa a conta. Aí o jogo mudou. Eu e o Nando passávamos no Postinho e pedíamos duas doses de Old Eight e o Jucão...”*Não doutores vocês não vão tomar um Old Eight, vocês vão tomar um Passport.*”

O Frangão era outra figuraça. Era engenheiro do IBAMA que trabalhava no setor de saneamento básico em nível de todo território nacional. Ele se auto-entitulava “a maior autoridade em bosta no Brasil”. Vinha, frequentemente nos visitar.

Criado o cenário passamos a relatar o episódio que dá o título desse texto comemorativo.

Em uma das vindas do Frango a Ribeirão Preto após tomarmos quase todas na casa do Jesus Ceribelli (docente do Departamento) resolvemos visitar as primas na zona. Nesse dia eu não morri porque “Deus é pai...” Enquanto esperávamos o Frangão, também chamado de Rato eu deitei no capô do carro e sem eu perceber os dois arrancaram com o carro. A sorte é que estávamos com o carro do Coronel que era um Dodge Dart do tamanho de meio quarteirão.

Não preciso dizer que minha embriaguês desapareceu no ato e assim fui conduzido até a zona do meretrício, garantido pelo frango que me segurava através da janela com único dedo indicador... Repetia várias vezes “Ludô, fica tranquilo que estou te segurando”.

Chegando em uma das mansões do pecado, passei a mão numa Cuba Libre e sentei em canto para recuperar a minha adrenalina causada pelo transporte. Assim que chegamos o Nando foi reconhecido e sumiu... Enquanto eu bebericava minha Cuba Libre, começou uma baita discussão... Era o Frango batendo boca com a putada amiga. Solidário, entrei na discussão e pedi para respeitarem o frango que era a “maior autoridade em bosta do Brasil”. As moçoilas só “esfriaram” quando eu as ameacei com curetagem sem anestesia no HC. A essas alturas percebi que já estavam presentes alguns leões de chácara. Dei um toque no

Frango e nos retiramos para esperar o Nando que continuava desaparecido. O Frango estava revoltadíssimo - “nunca uma autoridade em bosta havia sido tão desrespeitada”. Aí ele viu que o Nando havia deixado a chave no carro, Vira para mim e diz - “Vou deixar a porta traseira aberta e quando eu entrar no carro você arranca” como bêbado é solidário segui as orientações.

De repente. Vejo um tumulto com gritos de “filha da puta”, “pega ladrão” e, com a putada amiga correndo atrás do Frango com uma baita estátua no colo e se atirou no banco traseiro e.. (Arranca Ludô). Lembramos do Nando e paramos o carro lá na estação ferroviária. O raciocínio do Frango era linear... “O Nandão que se fôda, perder um momento grandioso por uma putinha qualquer... que se fôda, ou ele chama um táxi ou vai raciocinar que nós não o abandonaríamos”. Meia hora depois avistamos o Nando caminhando na noite, como se fosse uma cena final de um filme.

A estátua era uma bem feita réplica de gesso da Deusa do Banho. Decidimos dá-la de presente para o Coronel. E assim o fizemos, mas dizendo que se tratava de uma obra de arte que havíamos encontrado em um sebo. Sustentamos a versão por mais de 20 anos com o Coronel sempre desconfiado... “Onde vocês encontraram essa estátua??”

O Coronel era portador de uma importante estenose da valva aórtica que evoluiu para severa cardiomiopatia dilatada. Mas, com a acentuada insuficiência cardíaca ele apresentou evidência de altíssimo gradiente valvar aórtico. Como uma tentativa de aliviar o ventrículo esquerdo resolvemos trocar a valva aórtica.

Não trouxe nenhuma melhora. Nos próximos dias evolução com anasarca, eu e o Nando presenciamos um dos momentos mais marcantes e emocionantes da minha vida.

Coronel o senhor não vai morrer sem saber a verdade sobre a estátua...Nós a roubamos em um puteiro.

Eu sabia seus ordinários... e com o mais belo sorriso nos deixou em cerca de 15 minutos.

A estátua está em poder do neto Rafael, médico anesthesiologista, que não deixa ninguém chegar perto.

## **7. Na Cava do Bosque Palco Dos Jogos de Futebol de Salão, Basquete e Vôlei**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Em relação ao vôlei pouco tenho a falar pois apesar de fazer parte da seleção, nunca conseguimos ser campeões pois na época entrou para a Odonto um jogador da cidade de Santos que fazia parte da seleção brasileira, e por mais que nos esforçássemos, nunca conseguíamos ganhar. Além de ser um esporte de equipe, que exige muito treinamento para entrosamento, o que pouco fazíamos, quando muito nas vésperas dos jogos e de forma incipiente- incompleta, daí, que por todos esses motivos –desculpas?!-, nunca fomos campeões, por mais que eu e Barbosinha nos esforçássemos, por mais que a torcida nos animasse.

Mas conseguimos ganhar medalhas de 2º e 3os lugares, e uma inesquecível quando fomos fazer uma apresentação numa cidade vizinha – Cravinhos?!-e conseguimos ganhar da seleção local, com direito a medalhas e muita bebida- farra.

De todo modo era emocionante jogar na Cava cheia, com as torcidas vibrando, vaiando, aplaudindo, sempre aos gritos...uma energia única e inesquecível. Mesmo com a vergonha de ser o único em quadra jogando de óculos, disfarçado com uma fita grossa de elástico que dava impressão de “testeira” que os hippies usavam na época. No basquete quase sempre ganhamos. Tivemos jogos emocionantes, que certamente o apoio da torcida, sempre comandada pelo Ludô, fez a diferença. E o Scabello e o Jorjão sempre foram figuras de destaque na seleção. Lembro-me de uma partida, não na Cava, mas uma disputa de um Campeonato Estadual de Seleções Universitárias, acho que em Botucatu, que pra variar nós do vôlei perdemos logo. Mas o basquete, jogou a decisão contra, a Paulista, que tinha jogadores da seleção brasileira (Menon e Tozzi), e mesmo assim conseguimos ganhar, com Jorjão e Scabello, dando um show de raça e habilidade. Mas, voltando, o emocionante mesmo, quando a torcida ficava louca, com bandeiras gritos, palavras de ordem, etc... era no futebol de salão... era como se a Cava viesse abaixo! E, aí fazia mesmo a diferença a nossa torcida, e a buzina do Ludô. Ela dava o tom – comandava toda nossa galera-, e certamente nos jogos mais difíceis ela foi decisiva. Ainda me lembro de quando já pro final do curso, quando abriu a Faculdade de Educação Física, onde muitos dos alunos eram profissionais ou semi, e que começaram a ganhar em quase todas as modalidades... pois só faziam aquilo! Então ganhar da Medicina no futebol de salão era quase que uma questão de honra, e numa final, perto de sangrenta, em que estivemos

pertos de perder o jogo, certamente a nossa torcida foi o diferencial pra darmos a virada e gloriosamente vencermos o jogo contra a Educação Física! E tome comemorações, porres e...

-... é ferro nela, é ferro nela”; “ -...viajando, lá lá lá lá”

## 8. Um Causo Esportivo Pessoal Regado a Orgulho e Autoestima

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Na Recreativa, clube tradicional e dos ricos de Ribeirão, nós pobres mortais só entrávamos, quando havia algum baile da faculdade, ou quando havia os Jogos Universitários, pois alguns jogos de atletismo eram disputados lá. É claro que havia a chance de entrar se conquistássemos alguma namorada que fosse sócia, e os pais fossem com nossa cara...nunca foi meu caso!

Bem, então, num desses Jogos, estava eu na Recreativa, assistindo torcendo por alguns colegas como o Clebão, que participava de lançamento de dardos, e ele era bom nisso. Na época ele fazia isso com as mãos, depois, que se tornou ortopedista, dizem as más línguas, que ele começou a fazer os lançamentos com a “garganta”. Brincadeira até porque o Clebão, eu gostava muito, chegando a ser meu padrinho, eu quase dele...mas é uma outra estória-causo... que depois eu conto.

Dizia, estava eu, lá na Recra, curtindo o ambiente, quando me chamam pra participar de uma corrida de 100 metros rasos, pois não tinha ninguém pra representar a Medicina. Na época era melhor colocar alguém participando, pois se não se perdia muitos pontos. Daí que por mais que tentasse argumentar que eu não tinha “nem preparo, nem merecimento”, não teve jeito.

E, lá fui eu, com meus tênis de passeio, que não tinham nada a ver, me arrumaram uma camiseta da Medicina. Vou para o meu posto observo: os meus competidores, estão com sapatilhas com cravos arrumando aqueles “negócios” que servem pra dar impulso na largada que eu nunca tinha visto e nem sabia como enfia-los no chão, nemonde!... Sentindo-me mais ou menos como um neófito amador competindo com o Usain Bolts. Peço ajuda a um deles que me olha com certo desdém, e me ajuda com cara de quem imagina que por mais que me ajudasse, eu não sairia do lugar...que eu não teria a menor chance.

Todos a postos!!! Concentro-me o máximo que posso. Largada!!! Parti que nem um louco, dou uma olhada e estou em segundo lugar... me animo e vou tentar aumentar a velocidade. Um grito!... Parem!!! Podem voltar! Queimaram a largada! Daí eu volto, já sem força, com as pernas tremendo, sem controle, e mais cabisbaixo ainda para a próxima. Com

nova largada, parto em último, e com muito esforço e energia vindos não sei de onde, consigo chegar em penúltimo.

Bem, a Medicina foi representada e não perdemos os pontos! E eu ganhei alguns, para minha necessitada autoestima.



## **9. Doutor Aderbal Juiz Corregedor de Menores. Um Grande Vizinho**

**Ruy Barbosa**

Eu, Nicola, Panzardi, Quincas e Antonio Sergio morávamos numa republica num prédio de 3 andares localizado na Rua João Penteado, paralela à Av Nove de Julho e 100 metros da Recreativa, tradicional clube da cidade e também do colégio Otoniel Mota , situado no bairro Sumaré, com mansões e casas com jardim na entrada na maioria sem grades ou então cercados por muro.

Nosso apartamento ficava no 2º. Andar e no 3º. Andar a republica o Nelson Narkevics e no andar térreo uma família cuja filha Renata tinha um cão terrível que latia dia e noite, o prédio não tinha nem portaria nem zelador. Certa vez ao chegarmos a republica havíamos sido assaltados , tudo revirado, o meu quatinho de estudo que seria o de empregada levaram minha vitrolinha, rádio AM e FM e meus discos . Não fizemos BO pois imagino a cara dos ladrões o que esperariam encontrar na republica.

Nosso apartamento tinha 3 dormitórios, os dois da frente com pequena sacada para a rua onde ficavam Nicola e Panza e no outro eu e Quincas, e o Antonio Sergio (Patrimônio) ficava sozinho no 3º dormitório. Em frente nosso prédio ficava a mansão do Dr Aderbal, Juiz Corregedor da Vara de Menores do distrito e certo final de semana estaria dando uma festa com garçons, Buffet e seguranças locais e como na semana seguinte teríamos prova ficamos em Ribeirão Preto para estudar e sempre o Patrimônio como família era de Araraquara jamais ficava na republica.

Chegamos ao apartamento e logo vimos a quantidade de carros, motoristas particulares e seguranças na casa do juiz subimos e como de costume devido ao calor imenso em Ribeirão, tirávamos jaleco, camisa e calça e permanecíamos somente de cuecas, quando alguém teve a ideia de sair na sacada para espreitar a festa e daí o Dr Adherbal no seu jardim gritou: “Moços que pouca vergonha vou mandar prendê-los” Fechamos a porta balcão a sacada e fomos para a sala, indignados e revoltados quando foi de consenso a decisão: “ Alguém aqui é bandido? Ladrão? Quem seria ele para mandar nos prender? A Policia até hoje não descobriu quem entrou no nosso apartamento e nos roubou e não fizeram nada! Decidimos então colocar roupa branca completa e fomos questionar o juiz na festa

Os quatro futuros médicos forama casa do juiz, o segurança e porteiro não queria nos receber nem chamar o dono da festa e devido ao entrevero local o Dr. Aderbal quis saber o que estaria ocorrendo e daí o Quincas fez a defesa alegando que éramos futuros médicos da USP, não éramos ladrões nem bandidos e portanto porque o Sr. Bradou que iria mandar nos prender? Contamos o episódio de nosso assalto a republica e que ao chegarmos em casa deparamos com um sujeito saindo correndo pela escada e fomos então a sacada para ver quem seria o ladrão, motivo pelo qual saímos apenas em trajes menores a sacada. È lamentável o Sr. ter-nos rotulados como tal!

Fomos então convidados a participar da festa, bebida e comida farta etc etc. A partir deste dia quando íamos para o Hospital das Clinicas antigo pela A. Nove de Julho e o juiz passava por nós com seu carro oficial e motorista, fazia questão de buzinar, abrir o vidro traseiro e nos cumprimentar , certo Brise e Panza!

## **10. Ecos do Encontro dos 45 anos de formatura da XVIa "Falem mal, mas...longe de mim"**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)**

Local Salão-bar do Hotel JP em 29/out/2017, na tarde de aquecimento para o jantar de celebração dos nossos 45 anos.

Lembro de estarem: Pedro Bala; Yulo; Botinha; PJ; Ruy Barbosa; Brigué; Excabelo-chegando; Clodô; eu-Mafinha é claro, e nao me lembro mais quem? Sei que nao tinha ninguém da Comissão - Liyoko; Tone; Gomão; Miguel; Ludô...pois deviam estar trabalhando nos preparativos do nosso Encontro até a ultima hora, para que ele fosse , como foi, e tem sido impecável-pleno de emoções.

Bem, estávamos conversando sobre temas variados: encontros passados; lembrando ou tentando quais amigos estiveram presentes, e, procurando adivinhar quais viriam para o presente; relembando causos e quem estaria no nosso livro de "Causos da XVI" a ser lançado no jantar a noite. Alguns dos presentes já tiveram acesso a alguns causos e ajudava na relembração, e percebemos que o Yulo, entre outros, tinha causos a serem contados. Daí, por falar nisso apareceu um com o Yulo. E, confuso começando porque o Pedro Bala dizia que foi o Yulo que falou a frase final e o Yulo dizia ter sido o Pedro Bala. Mas como foi o Pedro Bala que terminou contando fica a versão dele. Estavam Yulo e Pedro Bala na reta final do vestibular, após um ano de estudos cansativos, com os dois exaustos e preocupados com o resultado.

Pedro Bala, conversando com Yulo, preocupadíssimo se iam conseguir entrar na Medicina:

-Yulo, nao sei se vamos consegui entrar não!?!? Yulo responde:- não esquentá Pedro Bala, nos já estamos dentro! Pô, se nós nao entrarmos, quem vai entrar?!?! Vai ser bem o Clodô !?!?

Todos presentes caímos na risada!! E claro fomos olhando pro Clodô, que com sua calma peculiar e sem ficar por baixo retrucou:

- É seus pôrras, só que eu passei folgado e vocês raspando...Agora, nos voltamos para as caras sem graça - perplexas do Yulo - Pedro Bala , e...Mais gargalhadas!

## 11. Rituais-Luciano\*

**Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)**

Rituais temos em várias situações, desde cotidianas: acordar; comer; trabalho; etc Como em não tão cotidianas: ir para uma festa; para um jogo; uma vista; etc E, por vários motivos: diminuir nossa insegurança em relação à algum processo; aliviar nosso desgaste frente a alguma atividade, pois o ritual permite realizá-la sem nem pensar nela; etc.. E Luciano gostava deles!

Na época começo da Residência em Pediatria, Luciano tinha um fusquinha, aliás o único que tinha um carro entre colegas residentes...de Pediatria é claro! Como ele era muito generoso dava muitas caronas, especialmente a mim! De tantas caronas notei que Luciano tinha um ritual: ao estacionar o fusquinha trancava a sua porta que naquele têm era com chave, dava uma conferida se estava realmente fechada; e ia para o outro lado do carro para conferir se a porta do carona estava igualmente fechada. Esse ritual acontecia independentemente se ele estivesse sozinho ou acompanhado!

“Então num dia, numa das inúmeras caronas: descemos juntos e ao fecharmos cada um à sua porta olhei para ele e disse

-”Olha bem Lucky -era seu apelido- estou travando minha porta, tá vendo!?!? Tá olhando bem?!?! Ele me deu uma olhadela meio sem graça, quando já tinha conferido sua porta e estava iniciando a vindo na direção da minha. Ele parou por uns instantes, baixou um pouco a cabeça e continuou na direção da minha porta, chegou - conferiu e meio sem graça falou:- Desculpe Mafinha, mas não consigo deixar de conferir! Ainda brinquei com ele que estava um pouco chateado:

- Pô Lucky você não confia em mim, né?!?!

Ele olhou para minha cara que devia estar de brincadeira, e eu pra dele de perplexidade e terminamos rindo muito! Rituais!!\*Esse caso foi mostrado pro Luciano no nosso último encontro que aprovou sua publicação.

## 12. Mudando de conversa...

### Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)

O cenário foi no hotel, no meio do churrasco nas comemorações dos 45 anos da nossa XVIa. Presentes, numa das rodas, pra não me deixarem criar sozinho, e que me lembre- depois vocês completam: Botinha; Excabello; Pedro Bala; Ludô; Túlio; Miguel e/ou Tone e não me lembro se Ruy. Estávamos conversando sobre onde-como andavam os colegas que faltaram- esclareço que quando falo em 1a pessoa, nem sempre sou eu :

-Fulano?

- Ah! Esse nunca deu notícia, mas deve estar bem?!?! - Sicrano?

- Esse morreu , não sabiam?

- Eu não!

- Nem eu!

- Pois é!

- E o Rivera?

- Acho que morreu, dizem que foi para os EUA e sumiu!

- Também acho!

- Nada disso, Ludô diz que conseguiu manter contato com ele por e-mail e está muito bem nos esteites!

Com tantas dúvidas pairando, Tone e/ou Miguel se propõe a trazer a lista da Chamada para nos atualizarmos.

Começamos:

- letra A ? Moreira; Zé Robô; Trocoli faleceram!

- letra B? Breno faleceu

- letra C? Cecília; Claire; Cleber faleceram!!

- letra Daniel Biscardona sem notícia?!
- letra Elizabeth- Betinha faleceu!!
- letra F - Fernando sem notícias?!
- letra G- Geraldo Papavento faleceu!
- letras H e I = Héctor sem notícias e IULO presente adoentado!

Nessas alturas cada um do grupo já olhando pro outro meio de lado, e tensão aumentando...

- letra J\*\*- Jairo; Quincas; Colafêmina; José Luís Borges; Júlio Voltarelli faleceram!!!  
Daí, alguém do grupo não aguenta e fala:

- Pessoal, acho melhor a gente parar por aqui. Vejam a festa! O grupo todo se volta em direção ao palco- entorno = chope jorrando geladíssimo; churrasco no ponto e a vontade; e o Panza soltando a voz! Sem réplicas cada um procura sua mesa e vai saindo em direção às alegrias da Vida!

\*\*E no dia ainda não tinham falecido Jane nem João Terra!!!

### 13. "Homenagens-Tentativas de Definir Indefiníveis "

**Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)**

Sei que uma pessoa, por mais simples que seja, não cabe na definição de uma frase, menos ainda de uma palavra. Minha tentativa aqui foi mais por uma necessidade temporal, que de exatidão, menos ainda de completude. Pois teimo em lembrar de colegas que se foram Mesmo que essas lembranças tragam saudades, e saudades nos trazem sentimentos vários, nem sempre só de alegria. Faltas-vazios incomodam, mas nos ajudam a viver. Daí tentei ser sucinto, uma palavra ou frase demoram pouco pra serem ditas e podem ter muitos significados para quem ouve! Mesmo que esteja muito longe!

Essa introdução sirva para explicar porque não escrevi para colegas que não tive tanta intimidade, a começar pelo Moreira, ou finalizando com o Gonzales; na esperança que colegas possam tentar fazer melhor. Outros, mesmo com maior convivência, preferi que pessoas muito mais próximas fizessem isso, como no caso do João Terra- certo Evangelina? Outros ainda, mesmo sabendo que colegas podem ter tido uma maior intimidade , não resisti a deixar minha parcial visão, como nos casos do Quincas- com Rui Barbosa e Nicola; Betinha- Dietrich; Claire -Tone; Paraventi-...E outros, mesmo sabendo que minha visão era demais limitada, não resisti a colocar, como no caso do Zé Robô.Pra dizer que todas palavras- frases podem-devem ser completadas, e mais ainda de colegas que estão sem! Enfim não vai ser uma palavra ou frase a mais que vai nos tomar tanto tempo nas- das comemorações, e podem trazer uma visão mais completa, quem sabe alegrias, para quem está ,aparentemente, tão longe!

1. Antonio G Moreira – seria um “Ludô” superior ao Ludô
2. Antonio José -Zé Robô: a fofoca com classe...mas sempre!
3. Antonio Sergio Trocoli: a paz no ser-conviver
4. Breno: uma das mais perfeitas tradução, para mansidão
5. Cecília: a tranquila discricção pela vida
6. Claire Lucie: elegância & finezas convivendo com o popular
7. Cleber: ser o Bom não lhe basta, é preciso que o achem

8. Geraldo Paraventi: uma criança com o coração de fora. Um adorável italiano fã dos Beatles (Don't let me down)
9. Elizabeth-Betinha: que sabia da coragem de ser livre e do preço a pagar
10. Gilberto Galileu: discreto como uma sombra
11. Jairo: o jeito e o ser caipira
12. Jane -Meiga “classuda”
13. João Terra: Gênio “indomável
14. Joaquim Carlos-Quincas: negociador sempre!
15. Jorge Arevalo: o mais brasileiro dos gringos
16. José Fernando Colafemina: “uma anta no cerrado”
17. José Luís Borges Freitas: vontade e alegria de viver
18. Julio César Voltarelli: O “deficiente”. Santa Ira que montanhas removia
19. Luiz Toloi: pragmatismo, se não em tudo...
20. Luiz Antônio Garde Paris: a vida é um cabaré! Vivam...Mas cuidado com a
21. Luiz Carlos - Arrudinha: Alma de sambista e autoridade
22. Marcelo Túlio Tricca: a força física de escudo do frágil coração
23. Mariza Colicchio: sempre fiel e alegria
24. Nelson Narkevics: exemplo de líder
25. Orlando Batich: Puro charme e nosso Zé do Chapéu no bilhar
26. Plácido: Heróico “embromão”
27. Renato: “Boizão etilizado”
28. Rui Yamasaki: Bibelô surpreendentemente alternativo
29. Ubiratan- Bira: o tímido eremita que gostava de gente



30. Vera Maria Goes: a arte de ser discreta

31. Wilson Gonsales Rodrigues: Arisco dominador da arte de competir

## **14. Covid 19, Eu e a XVI Turma da FMRP-USP**

**RUY BARBOSA (Barbosinha)**

Como muitos sabem tive uma internação em 15 de novembro de 2021 no Hospital 9 de Julho devido COVID 19, dois dias depois de minha esposa Maria Luisa também ter sido internada pela mesma causa daí todos terem dito que nem na doença me separei dela, que permaneci somente 5 dias e tive alta sem sequelas.

No meu caso necessitei ser internado em UTI após ter ficado 2 dias em quarto antes mas quando fui tomar banho após ser levado em cadeira de rodas ao banheiro fiquei tomando banho e como estava longe da campainha fui levantar para chamar enfermagem daí caí no chão e ao virem me pegar estava tossindo muito, com dificuldade de respirar e saturação baixa, fui então transferido para a UTI na época montada pelo hospital para atendimento de pacientes com COVID, atendimento multiprofissional com intensivista, infectologista, endocrinologista e fisioterapia especializada.

No leito era submetido a fisioterapia com sessões 6 vezes ao dia, respirador Venturi somente com máscara sem traqueostomia, banhos no leito, medicação endovenosa por acesso vascular por cateter colocado por minha equipe vascular do hospital, corticoterapia EV daí necessitando insulino-terapia SC pois nunca fora diabético, o que explicaram ser devido ao corticoide. Todo este cuidado intensivo o local com iluminação, entravam ininterruptamente para medicação, controles, injeções SC de heparina 10.000 U e insulina além das sessões de fisioterapia pelo Venturi e portanto ficava permanentemente acordado e como tinham permissão como médicos, minha filha que é anestesiológica e outro filho que é cirurgião vascular me visitavam e deixaram na cabeceira do leito meu celular para recados e comunicações.

Em virtude disto ficava sabendo de situações corriqueiras como dia, horas, dia da semana, enfim daí me localizava pois recebia do grupo da XVI principalmente quando o Évora postava: “Good morning Vietnam” e então me orientava que mudara o dia da semana, que era período da manhã, etc.

Permaneci internado nesta UTI por 11 dias, felizmente sem maiores complicações a não ser a dificuldade para deambular inclusive pela perda muscular pela inatividade, tanto é verdade que para fisioterapia motora subir os 3 degraus da escada montada para tal e mesmo

andar na enfermaria me senti como o maratonista ao termino da corrida, exausto, ofegante e retornava ao leito. Banhos no leito, necessidades fisiológicas em comadre e papagaio, você começa a refletir que retornamos a inicio da vida, tanto é que me colocaram um fraldão que era trocado periodicamente.

Felizmente após os 11 dias tive alta da UTI para quarto onde permaneci mais uns dias para equilibrar principalmente a glicemia pela corticoterapia em doses altas e os exercícios respiratórios. Graças a XVI pois muitos se solidarizaram comigo, meus colegas de republica Brise e Panza e em especial ao cronômetro do Ludô com seu “Good morning Vietnan”

## 15. MEMÓRIAS

### Adilson de Castro Renesto (Didi)

Não captei total essência do Mafinha, relacionada aos colegas/amigos que já nos deixaram. Assim, vou referen dar alguns deles.

Fui colega do L.K.Fugimoto desde científico no CEENP.ROOSEVELT.,sempre quieto.com detalhes dos Melhores e Maiores Amigos, SEMPRE sabia ouvir, e. não tinha apelidos (passou a ser o “Voz de Ouro na XVI FMRP-USP)., já bom de bola e matemática também

.Ordem +- alfabética.

Breno do grupo A sempre solícito, implicava com o tanto que fumava.

L. A. de C. Toloi tentava acompanhar nos intensos estudos de Anatomia. Eu não conseguia, fui a Sua casa em Araraquara algumas vezes também porque meus avós moravam em Itápolis, próxima de Araraquara.

J.C.Voltarelli viajamos pelo Brasil de carona com outros da turma, infinitamente menos violência, tranquilos, espetaculares fotos e lembranças, e numa das vezes que o encontrei na colocação da placa no hall da faculdade L (50a turma na qual tenho um afilhado cutuquei leve a barriga dele e disse "como se tá barrigudo"; resposta:passsei por transplante de fígado. (Eu não sabia).

Outros como Alex, Guina, Valdi , Zuzuba, Piola e maioria têm muitas, muitas histórias que são as memórias...

## **16. Banho de Água no Robertinho**

**Ruy Barbosa (Barbosinha)**

O pessoal da casa do estudante deve lembrar como era a chegada dos calouros, boina amarela. Ao passar pela porta de entrada, os veteranos jogavam o banho de água do 2o e 3o andar. Os banhos em nós calouros só terminavam após o Baile Branco, correto? O Ludô que morava no 3o andar com os veteranos era privilegiado

O calouro Roberto Naufal como era obeso, tinha dificuldade de locomover-se rápido, era o preferido pelos banhos, pois o quarto dele era no térreo da casa.

Foi daí que um dia veio acompanhado pela mãe, com sacolas de iguarias árabes, esfihas, quines, etc, pedindo que não o molhassem. Desceu então o Manuel Romeu, veterano e encarregado como representante da casa, pegou as sacolas, entrou na casa e o Robertinho ao entrar: chuí, banho de água.

Naquele dia ele foi embora com a família para São Paulo, abandonou o curso, fez vestibular novamente no ano seguinte e entrou na Escola Paulista de Medicina, onde se formou mais tarde.

Embora, como calouros, éramos mais vítimas do que algozes, a XXI turma fez parte dessa triste história de “bullying”, e ao atingir nosso jubileu de ouro, nós pedimos nossas desculpas ao robertinho

Nota do Santista (Ruy ??)

## 17. “Proposta De Atear Fogo na Coca-Cola para Protestar contra o Imperialismo Americano”<sup>43</sup>

**Paulo Roberto B. Evora (Ludô)**

O final da década de 60 e início da década de 70 foram caracterizados pela participação do movimento estudantil na resistência contra a ditadura militar. Essa época, que se iniciou em 1964 foi, romanticamente, denominada de “anos de chumbo”. O Centro Acadêmico Rocha Lima mantinha o estado de “assembleia” e, plagiando a música HEROES do David Bowie (uma obra-prima), todos nós vivíamos a expectativa de que, pelo menos “poderíamos ser heróis por um dia”. Diante da situação de imprensa censurada, essas assembleias tiveram, sem dúvidas, uma participação no processo de desenvolvimento da nossa maturidade.

Ainda me lembro de um dos nossos colegas (quinto ano, sexto ano) que, em minha opinião, deveria ser lembrado como um líder, cuja postura nas assembleias, seguramente evitou mortes dado os ânimos de crescente excitação. O nome dele era Paulo Regis, mais idoso do que nossa maioria e, segundo o “folclore” da época, ele havia interrompido seu curso médico para estudar Antropologia. Quando, no auge dos acontecimentos o enfrentamento com o exército era proposto, o Paulo Regis, lembrava-nos que “revoluções não se fazem com heróis”, mas que não podíamos deixar de participar daquele momento histórico. Espalhávamos o boato de passeata na Praça XV, o aparato militar (soldados, cães, cavalaria) colocava-se de prontidão e nós nos aglomerávamos, rapidamente, em algum ponto da Vila Tibério e, por não mais que 10-15 minutos de “Abaixo a ditadura” nos dispersávamos, após a documentação fotográfica por nossos amigos repórteres da época.

Eu não tinha nenhuma formação política, mas participava de todas as Assembleias, ouvindo e “tomando todas” no balcão do boteco do Toninho. Só uma vez protestei... Foi quando eu, pela primeira, e única vez pedi a palavra quando o “Totó” Barbieri propôs “encerrarmos a assembleia, descermos em passeata pela Avenida Independência, e atearmos fogo na Coca-cola”. Foi nesse ponto que eu estufei o meu peito e disse

“SOU CONTRA!!!

Mas Ludô qual o motivo ?

“ SEM COCA-COLA COMO VOU TOMAR MINHA CUBA-LIBRE?

Protestos, aplausos, só sei que a Coca-Cola não foi incendiada.

Nota: Esse relato é dedicado

Ao Paulo Regis (nunca descobri o destino dele, alguns contemporâneos me informaram que ele se formou e voltou para a cidade dele. Sem fazer residência, porque lá tinha poucos médicos.;

Ao “Totó” Barbieri que se tornou Professor-titular da nossa faculdade na área de medicina preventiva.

Ao Iulo Baraúna o maior herói da nossa turma nos “anos de chumbo”. Estou incentivando ele e a Cidinha a escreverem a sua experiência como “preso político”

Por lembrança da Carminha ficam registrados o Julinho Voltarelli e o Nelson Narckevics, ambos já falecidos como líderes políticos da nossa turma.

## **18. A calça LEE, duas versões da mesma história.**

**Paulo Roberto B. Evora**

Mesmo sem imaginar que eu seria genro do Prof. Alberto Raul Martinez desde o meu tempo de estudante eu tinha uma afinidade muito grande com ele. Talvez pelo jeitão “bronquinha”, uma característica dos Evoras, e por seguir os preceitos de honestidade, dignidade, lealdade, amizade e, acima de tudo, amor ao próximo. O professor nas horas de incertezas, sempre utilizava dois chavões: “Deus aperta, mas não afoga”; “Deus tira com uma mão, e devolve com a outra”.

O segundo personagem desse “causo” foi o primogênito com o mesmo nome do pai Alberto Raul Martinez Júnior, “Berto” para os familiares e amigos. Podia-se dizer que ele personificava o “rebelde sem causa”, personificado pelo James Dean no filme Juventude Transviada. Formou-se em Medicina na nossa faculdade, residência em Pediatria, mas sempre “sem causa”. Até que um dia leu no jornal uma nota da Sandoz, potência da indústria farmacêutica e, pronto, o rebelde encontrou a sua causa, independente da calça Lee, e tornou-se uma espécie de lenda no “business” da indústria farmacêutica.

Apresentados os dois personagens, vamos ao “causo” da calça Lee. Na década de 60 esse jeans era um dos maiores “fetichismos” entre os filhos dos professores da FMRP-USP, e, como todos os seus amigos que moravam no Campus da USP, o Berto pediu para o Prof. Martinez que comprasse uma calça Lee para ele. Era cara e trazia o charme de ser comprada como contrabando em Santos.

Lado da história a mim contada pelo Prof. Martinez como um dos “grandes ensinamentos” ao seu filho, Berto. Levou-o à Rua José Paulino em São Paulo e mostrou-lhe que com o preço da calça Lee ele poderia comprar 3 a 4 calças jeans, iguais à original, apenas sem o selo LEE.

Ressalto que eu ouvi incontáveis vezes, os dois lados desse exemplo freudiano. “Em uma caminhada pelo campo de um hotel fazenda, por ocasião de uma reunião de família, o Berto já um “monstro do business”, talvez pela serenidade do campo, e com certa amargura voltou a se referir ao lado dois da história”. Aí eu perguntei:



“Berto, você já parou para pensar sobre um definitivo papel da calça Lee em sua meteórica escalada profissional?”

Ele ficou em silêncio olhando para o infinito e, respirando fundo...

É , FAZ SENTIDO...

A lição de “pai para filho”, na verdade estimulou-o, a progredir na vida e poder comprar o que quisesse sem “compromises” como a versão Jose Paulino da calça Lee, a qual satisfazia o Prof Martinez.

Outro ditado popular, que o Prof. Martinez utilizava como filosofia de vida... “Deus escreve certo com linhas tortas”

## 19. Mariza Colicchio e o Olhar

**Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)**

Esse caso se passou por volta de 1989, pois meu pai faleceu em 1999 com 79 anos.

Fui para Sampa, acompanhar meu pai, numa cirurgia de próstata -adenoma, a que ele seria submetido no Hospital Santa Isabel da Santa Casa. Já tinha tido contato com o cirurgião, através de um amigo de infância = João Alfredo que se formou na Sta Casa e era chefe do Serviço Médico dos servidores. Havia então recebido o aval do Cirurgião para acompanhar a cirurgia de meu pai, que estava com muito medo da operação. E eu muito tenso pelo ambiente, inclusive com pessoas desconhecidas.

Quando estava indo para a sala cirúrgica, e todo paramentado - mascara inclusive, e se aproximando de uma mulher, também paramentada- mascara inclusive, que ao me olhar solta um quase grito:-

"Mafinha! você por aqui ?!"

Eu meio tonto tentei me fixar no olhar dela, no jeito, no porte e só depois de algum tempo reconheci :-

" Mariza! "

E pensem num relaxamento-alegria que baixou em mim! Daí passamos boa parte da cirurgia conversando , tentando matar saudades. Meu pai precisou de outras cirurgias e sempre Mariza com seu olhar-cuidado de anjo participando... E, com mais conversas!

Esse caso me retornou agora, porque durante muito tempo achei que eu poderia ter um olhar especial- inesquecível o que fez Mariza me reconhecer após tanto tempo distantes. Pode até ser um pouco por isso- Rsrtrs- Mais, porque essa lembrança me trouxe a esses momentos de pandemia, quando entre tantas coisas, temos que aprender-desenvolver a humildade de aprender a reconhecer pessoas pelo olhar; falar; jeito de andar...pois temos que frequentemente usar máscaras, nos escondermos, e se não aprendermos , quantas pessoas não vemos -reconhecemos e quantos encontros perdemos!?! Aprendermos até que precisamos usar máscaras , com todos os incômodos que elas possam trazer Aprender a escolher entre comodidade e necessidade! Humildade para aprender...

Dáí me veio Mariza que até pela profissão - anestesista, precisou treinar- aprender a reconhecer pessoas pelo olhar, mas também através de sua alegria - sensibilidade E isso ela fez muito bem! Graças Mariza!

## 20. Um dia de fúria

**Mario Flavio Pannuti**

Massinha Kavaguti na época era uma pessoa bem humorada e tranquila, praticava judô, acho que era faixa preta, fazendo parte da equipe da Medicina, o que lhe exigia muito equilíbrio, não só físico. Então imaginem o que não fizeram para tirar o Massinha do sério, na república que vivia. Quem foi?- foram?

Isto ocorreu na república em que habitaram o Massakatsu, o Nelson, o Pannuti e o Frangão ( colega da XV ) que teve a ideia de ao passar no bairro da Liberdade adquirir discos em japonês para " homenagear" o Massinha.

Em um ataque de fúria ele jogou alguns discos em japonês para o alto e como não se danificaram ele passou a pisotear os discos até quebrar um a um. E fico a imaginar que raios de discos japoneses foram dados pra ele.

Mas o Massinha não deixou barato! Então ele e já com a ajuda dos outros colegas da república resolveram se vingar do Frangão e aí...Como a república era um sobrado fomos colocando a partir da calçada, subindo as escadas, entrando no quarto e indo até a cama um punhadinho de milho e para finalizar 2 ovos embaixo do travesseiro. Quando o frangão chegou da faculdade o mesmo simplesmente “emputeceu”!!!

“Quem com disco mexe, com milho e ovos será mexido!”

Esse episódio, que deu o título desse caso, ficou conhecido como UM DIA DE FURIA.

## 21. AS “GUERRAS D’ÁGUA (Re-relembração)

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

As “guerras d’água” na Casa do Estudante já existiam antes de chegarmos, e consistiam basicamente em: os colegas que iam pra cidade à noite, quando voltavam e iam entrando na Casa eram recebidos por baldes e/ou bexigas de água. Dito assim parece sem graça, mas os detalhes, os quais espero contar direito, pois eram muito engraçados, pelo menos pros que conseguiam acertar o alvo, e os da torcida. Chamo de guerra por que fim, é como se os colegas que retornavam, que passo a chamar de “rueiros” queriam como que reconquistar chegar em sua terra-quarto em paz, sem traumas. Da parte dos recepcionistas- defensores os “caseiros” era fazer com que os rueiros não conseguissem chegar incólumes. As motivações-origens não sei mas posso imaginar, “Freud explica”: os colegas que ficavam na Casa do Estudante, por motivos vários: estudando, fazendo outras atividades, ou mesmo por falta de grana pra irem à cidade, de alguma forma puniam aqueles que foram se divertir na cidade.

Então funcionava mais ou menos assim: os colegas, que ficavam se preparavam com baldes/bexigas cheios de água, esperando os colegas chegarem. Naquela época era fácil a organização pois os ônibus- acho que único- tinham poucos horários e certos de chegada: 21;22; e 23 horas. Nos dias de baile, como no domingo no centro acadêmico de medicina, ou nos dias da Filó ou do Direito tínhamos que juntar um grupo e irmos atrás de um taxi na praça XV. Então, ficava tudo e todos preparados. Daí quando o ônibus chegava, apagavam-se as luzes, geralmente do 3º andar, pois o efeito da queda d’água de lá era maior-melhor. Daí por uma “passarela” que vinha da rua até a entrada da Casa, se aproximavam os rueiros, que dependendo da situação etílica, vinham, já vinham, com seus gritos de guerra provocando os caseiros. Daí quando chegavam pertinho, começavam a correr pra porta... e tome baldes, bexigas nos peitos, nas caras onde fosse possível acertar! Como se fosse uma cascata... uma muralha d’água !!! E tome xingamentos – gozações de ambas as partes...cada vez mais alto! Seus filhos da p\* pra lá, cag\*s seus p\*rras pra cá...e assim ia... Até a paz retornar...com a chegada do próximo ônibus. Agora com a adesão de novos caseiros.

Essa “guerra” podia ter algumas variações, por exemplo: tinha alguns rueiros que pra tentar burlar os caseiros davam a volta pra entrarem por baixo da Casa, já que está era meio suspense, então os caseiros postavam alguns sentinelas no primeiro andar e quando esses

rueiros vinham dar o grito de vitória “ seus b%tas não me pegaram!!”, recebiam sua carga de munição... e lá iam se secar e estender suas roupas;

Outras vezes, acontecia de no meio da noite, você ouvir um barulho estranho de água caindo, sem ser chuva, acompanhado de um sonoro FILHO DA P#TA!!!!!! Era um ou uns dos rueiros que vieram fora de hora, mas foram alcançados por incansáveis sentinelas. Nem preciso dizer que quase todos os moradores, com exceção talvez do Sabatini, e Antônio Ramalho passaram pelos dois lados da “guerra”. Mais uma que não me lembro bem é quando o Geraldinho machucou o calcanhar e que vinha entrando de muletas acompanhado de “seguranças”. Na verdade, aproveitadores, pra não serem apanhados. A lembrança que tenho é que apesar dos clementes pedidos pra que se fosse respeitada a situação do Geraldinho...não foram respeitados!!

E, “ A batalha de Itararé” Pelo que descrevi acima, dá pra imaginar o que era morar próximo da Casa, e em frente morava o prof. de Ortopedia, o Marcondes, que coitado, foi quem me ajudou a entrar na Casa, pois conhecia meu padrinho, e no fim nem o conheci direito. Na época eu era tímido demais, mas também suficientemente classe média pra justificar minha vaga lá. Bem o prof. Marcondes vivia reclamando pro Cruz do barulho, no mínimo. E o Cruz que era responsável pela Casa, vivia mandando recados, e ordens-ameaças. Bem, numa noite, a artilharia estava montada, com baldes- bexigas... tudo na agulha! Nesta noite eu era dos caseiros, ao meu lado Niquinho com um balde pelas tampas. Eis que na passarela vem chagando um grupo de rueiros e desfilando com uma insolência nunca vista. Quando chegam perto... na mira, já pra começar a carga... Alguém grita: ” É o Cruz!!!”. Daí foi uma correria dos diabos!! Cruz credo!! O Niquinho passa correndo, escorrega e derrama o balde encima dele e de outros..

E por aí vai. Então o Cruz entra com seu séquito todo imponente, no maior silêncio, para o devido “diálogo”...e um fio d’água descendo, por uma das varandas ... O título é em honra ao grande humorista “Barão de Itararé”, Aparício Torelly, por sinal nosso colega, contando que a nobreza de seu nome vinha de uma batalha que não houve.

## **22. “A MORTE do COSTA E SILVA” (Re-relembração)**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Mais alguns detalhes sobre a Casa, os quartos: eram suficientemente minúsculos. Suficientes para caberem uma cama, de solteiro, uma escrivaninha, e uma estante, por cima da escrivaninha; e minúsculo pra não caber quase mais nada. O colchão a gente geralmente conseguia – comprava com seo Pedro, um tipo zelador, que com sua carroça transportava desde os colchões, até bêbados pra fazer propaganda de festa caipira na cidade-depois eu conto esta. Mais os baldes pra lixo e claro pra “guerras d’água”, e mais alguma coisa que coubesse no espaço entre a escrivaninha e a porta ao lado da cama.

Qualquer coisa a mais por exemplo mais uma estante, tinha que ser negociado e comprado com seo Pedro. As paredes eram de um material, tipo madeira imprensada, que fazia o milagre de aumentar a transmissão do som, isto é, as vezes você conseguia ouvir melhor no quarto vizinho que dentro do próprio quarto... Inclusive cheiros!! Por exemplo, às vezes você não conseguia dormir porque o vizinho resolvia roncar muito alto, por aí ... Com o passar do tempo, os grupos iam se formando, pra estudar como o do Quincas, Rui Barbosa e Antonio Sérgio Ramalho e o Nicola, que também tinham outras coisas em comum como por exemplo nunca ficarem um final de semana em Ribeirão.

Outros por amizade, como o Geraldinho e o Alemão, o Davi, e o Niquinho, num tempo o Mafinha-eu e o Panzardi, e assim por diante, e que em muitos casos foram a semente de muitas Repúblicas. Bem, estávamos em 1968, ditadura, após a morte do Castelo Branco, endurecendo, agora com o Costa e Silva como “presidente”.

Na Casa, era uma quinta-feira, véspera de uma prova final, não me lembro de que matéria, a maioria se matando de estudar, uns em grupo como os já citados, outros sozinhos, como o Clebão, que além disso estudava escondido, pra não mostrar que eram cdfs, outros ainda como no meu, ainda na fase de vagabundagem total...deixando pra estudar mais tarde...bem mais tarde!!! Daí me veio uma ideia: “dar um trote nos colegas”. Fui ao quarto do Bira, que na época ainda não trabalhava, numa rádio FM em que trabalhou muitos anos, mas já tinha e treinava sua voz de locutor. E, bolamos alguma notícia que pudesse causar um rebulição na Casa...mexesse com os cdfs!!! Então conseguimos um gravador portátil com o Sidão, o que

não era fácil na época, gravamos um prefixo que havia numa rádio pra notícias extraordinárias e Bira entrava com a notícia – “ Extra! Extra! Extra! Notícia urgente- Acaba de falecer em Porto Alegre o presidente Costa e Silva!!!!” Com a gravação feita, fomos ao quarto vizinho onde estavam estudando o grupo do Rui Barbosa e ligamos o gravador no volume máximo, e como descrevi acima o resultado acústico, foi maravilhoso, o pessoal ficou comentando animado; e enquanto resolviam sair gritando, eu e Bira fomos correndo para a vizinhança de outros quartos onde outros grupos estavam estudando como do Alemão - Geraldinho , e repetimos a gravação, e assim por diante... Resumindo: após alguns minutos estava grande parte da Casa em polvorosa; era o Quincas e o Rui Barbosa gritando “Feriado!!! Sãopaulinho!!!”, o Geraldinho p\* da vida acusando os comunistas como 27 culpados, o Alemão com seu imenso rádio, que ocupava grande parte da escrivaninha, tentando localizar uma rádio gaúcha pra saber mais detalhes, e alguns mais esquerdistas como o Lechat vibrando na varanda! E eu e Birinha morrendo de rir...por dentro!! Até descobrirem... e quase nos matarem...por fora!!



## **23. CASA do ESTUDANTE SEUS QUARTOS e OCUPANTES (Re-<sup>54</sup>lembração)**

**Carlos Henrique Tavares (Mafinha)**

Bem, já que não frutificou a ideia de aparecer novas contribuições sobre as Repúblicas da XVI: ou porque as pessoas não tenham muito pra contar, o que acho o menos provável; ou porque o que tem pra contar seja muito comprometedor, o que talvez seja o mais provável, ou porque os amigos(as) ainda estão muito ativamente ocupados(as) com coisas mais sérias. Então, volto pra Casa do Estudante, agora com o tema dos quartos, seus ocupantes e particularidades.

Como já tentei descrever anteriormente, cada quarto era menos do que hoje se chamaria uma quitinete: uma porta que vinha de um corredor, que geralmente era fechada com um trinco e geralmente uma fechadura pra mais segurança, daí, havia um espaço pra uma cama, de solteiro!, uma escrivaninha em frente, acima umas prateleiras cujo número dependia das condições, inclusive financeiras de seu ocupante; um espaço pra uma cabeceira-criado mudo, nos pés da cama ficava embutido um armário que fazia volume no corredor, dando de fora uma sensação de “hall” de entrada para cada quarto,. Entre a cama e a mesa-escrivaninha um espaço-corredor pra gente transitar. Fora esse básico, os colchões eram por conta de cada um, e geralmente comprados ou do ocupante anterior, que dependendo dele era preocupante, ou o mais comum do seo Pedro, que além dessa intermediação, fazia várias outras, desde conseguir as lavadeiras pras nossas roupas, como até outras menos digamos “familiaresrepublicanas”, como já contado-insinuado pelo texto do Patrimônio Antônio Sérgio. Nesse exíguo espaço, cada um construía, a seu modo, um jeito de viver, transformando, esse lugar em seu íntimo mundo. Não tão íntimo, já que as paredes, como já disse, eram feitas de um material tão permeável, que dava pra ouvir a respiração do vizinho, quanto mais os roncos! E muitas vezes até os pensamentos!!! Até hoje esse material é de composição desconhecida. O Ludô não tem dúvida que se tratava de 74 uma mistura de bosta de vaca com capim como as casas de peões em fazendas do Mato Grosso. Então vou procurar lembrar alguns deles. Tinha o do Nogueira, que era da turma anterior, e que as vezes só mostrava, e quase não deixava ninguém entrar, porque tinha um maravilhoso sistema de som para a época; o do Dietrich com seu rádio imenso, que claro ocupava grande parte da mesa-escrivaninha, e que pegava estações até do exterior; o do

Getúlio que mais parecia uma lavanderia, que na época era uma atividade muito típica da colônia japonesa, na minha infância em Sampa, os tintureiros japoneses, o qual já foi tão bem descrito pelo Patrimônio; o do Manuel Diogo pelo utensílio que o caracterizou o piNiquinho; do Rui Barbosa que era organizadíssimo; do Patrimônio que eu nunca entrei, e nem sei se mais alguém entrou?! Não poderiam deixar de serem citados os quartos do Alemãozinho, o do Ludô e o meu próprio. O do Alemãozinho (XV Turma) tinha as paredes de bosta/capim ornamentada com belos quadros, ouvia-se música clássica e ele, pasmem, mandou aplicar sinteco no chão do seu cubículo. Ele só não pôde trocar as paredes de bosta/capim devido a alegações sobre o “projeto arquitetônico” e alguns alegavam que havia a questão do patrimônio histórico. O quarto do Ludô que hoje ele acha que poderia ser denominado de Faixa de Gaza, pois ficava entre os quartos do “Rei Mané” e do Vandola, mas essa é outra história... O quarto do Ludô, tinha um tapete velho que ele trouxe do Mato Grosso, mas as principais características era uma vitrolinha portátil Philips, comprada a prestações na A Modelar e garrafas de uísque cuja procedência era do tipo “la garantia soy jo”, pois a proveniência era do Paraguai e arrematados por um tio que era fiscal alfandegário; Tinha todos os discos do Ray Conniff, Miltoninho, Chico, Bossa Nova, mas o LP mais 75 badalado era “Os grandes sucessos de Agostinho dos Santos” por causa das “Esmeralda” e do “Negue”. A até o Brigué vinha da cidade na calada da noite para usufruir da “Esmeralda” regada a um uísque “legítimo”. E claro, havia o meu, que começou como quase todos os outros, mas... tornou-se nas palavras do Editor Ludô, “uma pocilga tropicalista” com varais no teto do “flat” onde predominavam cuecas, meias e algumas camisetas Hering. O que mais “encatiçava” os colegas é que entre as indumentárias encontravam-se descascadas. Só depois de 2 anos o meu quarto conseguiu um concorrente à altura, o quarto do Cabaninha, diante do qual o meu quarto parecia um aposento da rainha da Inglaterra.

## **24. A tríade clínica de brigué. Uma pérola da fisiopatologia (Relembração)**

**Paulo Roberto B. Évora (Ludô)**

Em 1970 demos adeus aos cursos básicos e iniciamos nossas atividades no Hospital das Clínicas (Atual Unidade de Emergência) e começamos a interagir com pacientes. Em um feriado prolongado, daqueles que Ribeirão Preto se tornava uma cidade fantasma, voltei para casa (minha República na Américo Brasiliense a meio quarteirão da Av. Independência) após ter passado o dia bebendo em companhia do Leopoldo Lima), uma das rotinas incorporadas à minha solidão dos grandes feriados (a outra rotina era filar boia na casa da Mariza, uma vez que a família Colicchio havia adotado eu e o Jorge Rivera).

Por volta da meia noite toca a campainha, com toda a minha ressaca, dou uma olhadinha pelo vão da janela e vejo aquela imagem que tem me acompanhado pela vida toda: “O Gordini do Brigué...”. Diante de um leve sentimento de “to fudido”, abri a porta para meu pequeno grande amigo, disposto a deixá-lo à vontade enquanto eu voltava para o meu travesseiro.

O Brigué era de casa já passou a mão em um dos meus uísques “La garantia soi Jô”, e escolheu “ao acaso” o disco do Agostinho dos Santos e cantando a Esmeralda, conseguimos recapitular toda a nossa saga de “paqueradores pacas, pega picas” de repente o assunto virou para discussão clínica. Nesse momento, o Brigué, renovando o uísque e renovando a sonoplastia com a Esmeralda, sai com a seguinte pérola: “Eu nunca deixo de responder a uma pergunta à beira do leito ou em prova sobre sintomas, eu cravo logo: ANOREXIA – NÁUSEAS E VÔMITOS (ANV) ” e mandava-me dar um exemplo. Diabete, Infarto do miocárdio, Sarna, Lepra... Tudo dava ANV.

Eu me lembro de que antes de apagar eu sugeri unha encravada e recebi a resposta “dói e dá anorexia, náuseas e vômitos. Paciente em coma após AVC, o Brigué no ato: “Dá ANV”. Pergunto: Como você sabe que ele tem anorexia se está em coma? Pronta resposta: “Ele não está comento e nem pedindo, logo tem anorexia”. Acordei por volta das 10:00hs da manhã, o Gordini não estava mais estacionado, o disco rodando e do meu uísque sobraram não mais do que umas 3 a 4 doses. Mas valeu a pena por ter uma das melhores aulas de fisiopatologia da minha vida. Repassei a teoria para toda a XVI turma e acredito que nenhuma questão de clínica nunca mais ficou em branco.

## 25. GLORIOSO GORDINI DO BRIGUÉ... MOVIDO ATÉ A CERVEJA

PAULO ROBERTO B. ÉVORA (LUDÔ)

Entre as glórias da XVI Turma não poderia faltar o “glorioso Gordini do Brigué. Alguns motivos incluem: 1) A polêmica cor (vermelho ?, marrom ?, vinho ? cereja ?...); 2) Ele atravessou os 6 anos do nosso curso; 3) Já era FLEX, pois conforme o preço o Brigué enchia o tanque com gasolina 80 e/ou álcool (“mets a mets”); 4) O maldito e constante problema com o “giglê” (até hoje não sei o que é essa porra) e 5) Deu pau na Mercedes do Carlito em estrada rural, e; 6) A quilometragem rodada na Avenida da Saudade. Explico essa última.

Incontáveis vezes o Brigué passava na minha república para irmos ao Postinho “pegar umas gatas para melhorar o nosso padrão”. Como sempre não pegávamos porra nenhuma e o glorioso nos conduzia “Saudade acima”... Mas a motivação maior desse pequeno texto foi relatar um episódio inesquecível do glorioso. Após termos “pegado todas no postinho”, dirigimo-nos para a Avenida da Saudade. Antes de chegarmos ao Três Garçons, caiu um dilúvio em Ribeirão Preto. O Três Garçons estava fechando e, por esse motivo prosseguimos até a Alta Mogiana, que na época não era asfaltada. Aí o “inusitado” ocorreu: o Glorioso parou no meio da lama.

No ato: “É o giglê e, Ludô, você vai ter que soprar senão não saímos daqui”. A essas alturas tive a sensação de que a Arca de Noé tinha virado na próxima esquina. Parti para o sacrifício e soprei o giglê por mais de meia hora.

- Brigué, não está funcionando.

- Continua soprando, acho que está molhado...

- Brigué, você checkou a água da bateria?

- É claro!

- Tirei as tampinhas da bateria... Fumaça... - Bati em uma das casas “familiares” e tomei uma portada na cara. Provavelmente pelo meu estado e, a essas alturas, pela minha expressão demoníaca. A essas alturas eu estava tão puto que andei, melhor nadei até um boteco para

arranjar água para pôr na bateria. Não se enxergava nada, mas chegando ao boteco, ouço ao longe

- Ludô, é o giglê e tem que soprar...

Para quem tinha saído para “pegar todas no postinho” foi a gota d’água. Comprei uma Brahma, nadei de volta, enchi a bateria com a cerveja, o glorioso manifestou sinal de vida, dei uma empurradinha, pegou e voltamos para a minha república onde matamos mais uma garrafa de “uísque legítimo” som da Esmeralda;

No momento que concludo esse texto, me ocorre que eu deveria mandar fazer uma plástica de minha papada e mandar a conta para o Brigué. Com certeza, além da minha genética, “soprar o giglê” foi o maior fator adquirido da minha papada.

## **26. Pedro Bala E A Maçaneta – Um Causo Escatológico (Re-Relembração)**

**Paulo Roberto B. Évora (Ludô)**

Escatologia é uma palavra de origem grega εσχάτος, cuja nomenclatura significa “último”, ou seja, é o estudo do último ou os acontecimentos do fim do mundo enquanto objeto físico e também da própria humanidade. A palavra escatologia sempre remete ao caminho e/ou proximidade do fim, o qual desafia a compreensão racional. Ainda que exista essa concepção quanto à finalidade da existência do mundo e das pessoas, a palavra Escatologia pode se referir ao ato de analisar excrementos, ou seja, de fezes uma vez que, é um sinônimo da palavra cropologia que se ocupa do exame laboratorial dos dejetos humanos para verificar se há, por exemplo, a presença de bactérias que provocam doenças. Por outro lado, há ainda a compreensão da palavra em seu sentido figurado que denota o interesse e gosto pessoal por coisas que são consideradas sórdidas ou obscenas. Tal sentido possui uma explicação em sua variação linguística, já que o termo grego skatós é o mesmo que “excremento” e por isso o mesmo é tomado com tal significado. Estas explicações iniciais têm o objetivo de aplicar algum grau de erudição ao presente repugnante e fétido causo.

Gavião Peixoto era uma pequena cidade, melhor explicando, era um pequeno lugarejo situado perto de Araraquara. Tinha uma adorável população que, pela afetividade lembrava os personagens do maravilhoso Cinema Paradiso filme autobiográfico do cineasta italiano 88 Giuseppe Tornatore. Só que Gavião Peixoto não tinha cinema e quase toda a comunidade morava em casas próprias construídas em torno de uma agradável praça arborizada. Gavião Peixoto é atualmente a sede da maior fábrica da EMBRAER.

Corria o ano de 1972, ano da nossa formatura, quando pela primeira vez Gavião Peixoto foi incluída no programa de “estágio rural” do Departamento de Medicina Preventiva. Ninguém queria ir, até que a dupla Garde/Brigué foram escalados. Uma semana depois voltam resumindo: “- Um paraíso, povo agradável, pescaria, excelente comida na padaria, bebida a vontade por conta da casa e, pasmem no máximo 3 a 4 atendimentos por dia”. Segundo o Brigué os atendimentos incluíam o tratamento das crises de asma do Garde. Tava feita a propaganda, que foi mantida em sigilo, por nós que na hora da escalação das duplas sempre dois com a cara de quem estava partindo para o sacrifício...”Deixa que eu vou..)

No final do ano, a comunidade de Gavião Peixoto ofereceu uma semana de festas para todos que participaram do estágio rural. A nossa chegada foi gloriosa, com a caravana entrando

soltando foguetes em grande quantidade, uma entrada digna do Timão entrando em campo. Fomos alojados no primeiro andar do posto de saúde que se situava na frente da casa do prefeito.

Pois bem, a semana passou totalmente etílica, grandes rodadas de “caxeta” e truco, “churras” todos os dias até chegarmos no sábado quando nos foi oferecido um baile abrilhantado pelo conjunto As Pedras Rolantes. Pena que o Mick Jagger deu os canos... Nessa noite, nas palavras do Pedro Bala aconteceu “a maior sacanagem que poderia ser feita com alguém...”

Por volta das duas da madrugada (o baile havia começado às 19:30hs) sobraram no clube o Pedras Rolantes (desmontando a sua big band), o prefeito, Geraldo Tatu, Pedro Bala e eu (Ludô). Enquanto “proseávamos” o prefeito convidou-nos para terminarmos a noite comendo uma “ricotinha apimentada” com cerveja na casa dele (lembrese que a casa do prefeito ficava e frente ao posto de saúde). Voltamos andando e o Pedro Bala não se conformou ao ver nosso alojamento com o primeiro andar todo apagado. Segue a narrativa sob a forma de diálogo.

- Seus bunda mole, vieram aqui pra beber ou pra dormir?? (repetido várias vezes, após o Geraldo Tatu ter subido)

- Pô Pedrão! Para com essa gritaria...Tamo numa puta ressaca. (Brigué)

- Não me conformo, vou acordar esses bunda mole...

Ouçõ o PB subir correndo as escadas de acesso (seguramente mais de 100 degraus), som do PB descendo as escadas correndo, seguido de uma torneira aberta...

- Ludô, a maior sacanagem que poderia ser feita para alguém !!!

- O que aconteceu? (em 6 anos nunca tinha visto o PB tão puto)

- Cheira aí! - Quando cheirei quase vomitei:

“É bosta...”

-“ Justamente, bosta na maçaneta, eu cravei a mão e pensei, não é possível... é graxa... nessa dúvida eu não conseguia largar a maçaneta, até que começou a sair nos vãos dos dedos... É bosta!! Em nome da solidariedade dos bêbados peguei o estoque de foguetes do meu carro e

iniciamos um bombardeio jamais visto em Gavião Peixoto. O Prefeito a tudo assistia com as mãos na cintura. Só paramos quando o Brigué arriscou abrir uma janela e gritou:

- Pára!!! O Garde tá morrendo!!

(O primeiro foguete estourou na janela da cama dele que assustou e entrou em broncoespasmo). Resta o relato do planejamento da bosta aplicada à maçaneta e uma aposta em duas possíveis vítimas: Pedro Bala ou Ludô. Lembrem-se que deixaram o Tatu entrar. Decidido as possíveis vítimas seguiu-se a parte mais complicada: “Quem seria o autor da obra...” Ninguém conseguia, até que o Brigué se trancou em um dos quartos e, com toda a torcida, finalmente sai, gloriosamente, com a arma do crime em um papel higiênico e aplica, sob aplausos, na maçaneta...

Existe uma versão que o Jorge Nassif entrou em estado de hiperemese quase desidratando. No outro dia, na hora do almoço na padaria, o Pedro Bala passava a mão nos pratos e talheres de seus algozes.



## 27. "COELHO ASSADO" (Re-relembração)

**Luis Carlos Cerveira (Brigué)**

Alguém deu a ideia na República da Amador Bueno, arquitetamos uma estratégia e numa certa noite escura, lá pelas 21 hs, eu, a Lana, o Galvão, o PJ e o Marquinhos, fomos no "Gordine Bordeaux" em direção ao Biotério da FMRPUSP, pois o plano era descolarmos uns quatro coelhos gordinhos e virgens de experiências e manda-los assar em um restaurante ou padaria e depois come-los na Republica em companhia de umas meninas da Filosofia, ideia boa né. O plano "quase" foi perfeito; enquanto os 3 caçadores iriam sorrateiramente caça-los, eu e a Lana ficaríamos dando voltas pelo Campus para não chamar a atenção do guarda noturno.

Demoramos muito, porque achávamos que não seria fácil raptar os bichinhos; porém, subestimamos os "especialistas" que foram ágeis e rápidos. O combinado era que eles ficariam nos esperando com os coelhos na porta do ginásio de esportes, mas como houve esse pequeno erro de cálculo, os três acharam que algo inesperado e fora do plano teria acontecido conosco ou que os estávamos sacaneando, então resolveram soltar os 4 coelhos no campo de futebol e irem embora. Logo chegamos com o Gordine e fomos todos campear os coelhos soltos pelo campo. Só conseguimos recapturar dois, mas já estava bom porque eram bem grandes. Voltando pela Via do Café, com os dois comendo as minhas orelhas, alcançamos o PJ que tinha sido escalado para ir a pé buscar um taxi. Daí para frente, só deu "quase" tudo certo também, só que na noite de comer o assado e tomarmos garrafão de vinho, eu fui a pé, não sabia se dormiria na República ou não. Resolvi dormir em casa e enquanto caminhava pela rua, fui assaltado a mão armada perto do bosque (essa, é uma outra estória, longa, hilariante, mas com final feliz, basta dizer que o assaltante, um paraense menor que eu com 2 revolveres maiores que ele, só me levou uma moeda de 20 Centavos que era o que me sobrou depois do acerto de contas com os meninos após a festa e ainda fiz ele correr).

## 28. VINHETAS (Re-relembração)

### Pedro Tannous (Pedro Bala) E Luis Carlos Cerveira (Brigué)

**ASSALTO À REPÚBLICA** Ano 1967, eu estava no primeiro ano da faculdade, morava na república dos guaraenses, Guará é a minha cidade de adoção, embora tenha nascido em São Paulo, meus pais foram residir em Guará, 2 (dois) meses após meu nascimento. A república era na Rua General Osório, 1 (um) quarteirão da Av. Independência. Era frequentada por 2 (duas) “amigas”, a Lula, que também era de Guará, e a Lúcia Rhesus. Nas férias de julho/1967, fomos para Guará e a casa ficou fechada. Eu fui o primeiro a voltar às aulas, encontrei a “residência” um pouco bagunçada, não liguei. Fui para a faculdade, notei o agito da galera em frente ao mural, onde estava postada a página policial do jornal “A Cidade” de Ribeirão Preto, com a chamada principal: “Mundanas assaltam república de estudantes”. No descritivo da notícia estavam o meu endereço e a foto das duas “amigas”, segurando as fotos 3x4 dos “queridinhos” de Guará. Elas alegaram, ao delegado, saudades da turma, como motivo da invasão.

#####

**CORAÇÃO APAIXONADO** No 3º ano (1969), eu já morava na república do Túlio, rua Bernardino de Campos, perto do Hospital das Clínicas, que ainda era na cidade. À noite, véspera de prova escrita de uma matéria do curso básico, ainda, no campus, apareceram o Iulo e o Bicudo (da XVII Turma), “mamados”, avisando que estavam indo para a praia no litoral santista, na mesma noite. O Iulo suplicou para o Túlio realizar a prova dele também. Inicialmente ele refugou, alegando ser impossível. O Iulo garantiu que poderia dar certo, pois a professora era apaixonada pelo colega, informação verdadeira. No **dia seguinte, o Túlio conseguiu o feito.**

#####

**DR. CERVEIRA E A HIPERCALCEMIA** Prova teórica de Cirurgia Vascular no 5º ano (1971). Prof. Cherry pergunta ao Brigué sobre complicações da tireoidectomia. Ele respondeu de pronto: hipercalcemia. Cherry: Dr. Cerveira!!!!, se o senhor responde hipoparatiroidismo, hipocalcemia, tudo bem; mas um aluno do 5º ano responder hipercalcemia é o fim da picada. Brigué: Professor; responder hipocalcemia é muito óbvio, eu já penso no 63eside. Cherry: Como? Brigué: O cirurgião, preocupado, prescreve 63eside e cobra dos

assistentes, esses dos 64esidents, esses dos internos, que por sua vez cobram da enfermagem, a reposição do produto. 99 A cobrança é diária, e vai que a balança também está mal aferida, levará a hipercalcemia iatrogênica. Cherry: Zero Nota: O final desse caso para mim terminou com o Cherri dizendo: “Você está aprovado desde eu não tenha mais que ver a sua cara”

#####

**“O IULO FICOU PUTO”** Após noitada no Centro Acadêmico, eu e o Iulo emendamos até o amanhecer. Com fome, resolvemos tomar um litro de leite que estava na sacada de uma residência e faturamos um pão na traseira do furgão do padeiro. Saciados, lá pelas 6,30 hs, percebemos que estava na hora da prova de Bioquímica. Chegamos ligeiramente atrasados e sentamos nas duas últimas fileiras do anfiteatro da Genética, eu na frente e o Iulo logo atrás de mim. Se os colegas lembram, eram 100 questões de A a C e umas 10 folhas. O Iulo falou, deixa eu 64irade de você, mas não consegui ler nem 10 perguntas e acho que não sabia nenhuma; então fui apenas chutando e colocando pontinhos com a caneta nessas 10 respostas, para posteriormente colocar o X, mas nem coloquei, porque passados uns 10 minutos, não aguentei e falei para o Iulo; vou entregar a prova e fui embora. Quando saiu o resultado, o Iulo veio fulo da vida tirando satisfações porque ele tinha 64irade 0,00 e eu 0,01, aí não teve jeito, tivemos que tomar mais algumas.

#####

**“TIRABOSCHI SAFADINHO”** O Tiraboschi da CB, irmão da Norma, gostava de dar carona no "Dauphine" quando ia para a faculdade pela Via do Café; um dia descobri porquê. Numa dessas caronas, quando chegamos na subida até o prédio da faculdade, na altura da biblioteca, o "possante" não tinha força para subir, então ele pedia para o(os) carona(s), descerem e dar uma empurradinha. Ah!, safado.

#####

**“QUEM PODE MAIS BEBE MAIS”** Eu e o inseparável Ludô, não lembro porque, fomos convidados para uma festa 64ass ó chácara a noite. Devia ter mais ou menos umas vinte ou trinta pessoas entre meninos e meninas, a maioria não me eram conhecidos. Sei que tinha 2 barris de chopp e nem lembro o que tinha para comer, talvez porque não interessasse muito. Eram 2 ambientes, em um ficavam as comidas e no outro o chopp. A festa estava boa e o chopp também e em certa altura, eu e o Ludô percebemos que o 64ass ó64 barril já estava acabando, vai acabar e não vai ter mais, então bolamos que deveríamos esconder o barril; colocamos o

barril vazio no lugar do cheio e conseguimos leva-lo há uns 30 mts atrás de umas bananeiras e dessa forma ainda conseguimos tomar chopp por muito tempo, só nos dois, enquanto toda hora vinha gente querer encher o copo no outro barril, 65ass ó escutava o barulho. Quando já quase tínhamos matado o barril, fomos descobertos e a festa foi transferida para o mandiocal, no meio do escuro. Nesta noite a Aldinha perdeu uma lente de contato e, no meio da escuridão, conseguiu encontrá-la

#####

**"QUEM GOZA, PODE E DEVE SER GOZADO"** O Scabelo convidou para um churrasco rural perto de Araraquara. Lotamos 2 carros, um baita Mercedes do Carlito - era de Guaíra - acho que era da XVII Turma) e o meu velho Gordinzinho. Imaginem qual o Scafa escolheu para ir. Mandaram eu sair bem antes porque logo nos passariam. Meia hora depois, o Mercedes nos ultrapassou a toda velocidade dando " tchauzinho e gozando pra burro". Tinha chovido muito naquela noite, entramos em uma estrada de terra, como mostrava o mapa, e seguimos o percurso, até que em uma subida íngreme e curta lá estava a grande Mercedes empacada e derrapando com os cinco convivas cheios de lama, tentando aumentar o número de CAVALOS (ou bestas) do veículo para ver se conseguiam sair dali. Bom, passamos lentamente por eles e é lógico com acenos e sorrisos sarcásticos e dissemos que a gente os aguardaria no rancho petiscando e tomando umas e outras. Quem ri por último, chega primeiro no churrasco. (Não lembro mais quais eram os colegas espertos e nem os trouxas)

## 29. Olfatos que não olvidamos

**Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)**

Depois de 2 anos de pandemia e sem viajar fui pra Sampa, terra natal de muitas recordações. Desta vez um local se fazia preciso de visitar: a casa de nosso querido colegamigo Panza\*. Ele vem há algum tempo lutando bravamente e com sabedoria contra um câncer, e contra os efeitos colaterais do tratamento, com a ajuda fundamental de sua família, particularmente da sua esposa Suely- dedicada e amorosa companheira há mais de 50 anos. Panza que no início do curso, e na Casa do Estudante, era dos meus melhores amigos, mas que durante o curso, até por nossas escolhas profissionais e até sentimentais fomos nos afastando.

Confesso que fiquei um pouco preocupado com o encontro: como iria encontrá-lo; o que poderíamos conversar; se eu conseguiria trazer algo de bom para ele;..Porém foi uma visita inesquecível, daquelas de reencontro de antigostava que parecem estar continuando um papo de ontem; anteontem... E Panza numa animação; bom humor; e presença no aqui e agora; que no fim das quase 3 horas que ficamos juntos, inclusive com a Suely, e o apoio delicado da Fabiana a SEL= Secretária Executiva do Lar que nos brindou com delícias: um bolo que comemos tanto, mas que deu chance pro Panza falar; um concentrado suco de maracujá, que nos ajudou a manter a serenidade, é um café esperto pra nos mantermos atentos. A sensação de que a visita fez mais bem a mim. Panza - uma inspiração . !

Ainda, estava procurando em Sampa um desodorante que não tivesse anti-transpirante! Já tentaram achar?!? Tenho conseguido uma marca, nada fácil de achar, mas que a cada mês o preço fica mais proibitivo. Daí, passando por uma loja da Phebo, encontrei um dos que procurava, por um preço, pelo menos 3 vezes abaixo, e ainda com opções de aromas-olfatos! Assim que fui saindo da loja lembrei mais do Panza, que ele sempre usava, pelo menos na Casa do Estudante o sabonete Phebo tradicional, escuro com um olfato peculiar. Pra tirar a dúvida, afinal fazem mais de 50 anos, voltei a me comunicar com ele, que confirmou o uso. Enfim, entre tantas recordações inesquecíveis que vamos sentindo pela vida o olfato é uma delas. Do Panza é mais uma..

\* **Antonio Carlos Panzardi- que autorizou a publicação**

### 30. O MISTÉRIO DO RADINHO DE PILHA

**Mauro Marzochi**

Para reforçar a importância do que representou o Regime Militar para o meio estudantil vale a pena mencionar, ainda que de passagem, alguns fatos isolados relacionados com as passeatas. Sugerido pelo Ludô que, captando o fato, através de um postagem minha, alertou para a “importância histórica” do meu ardinho de pilha.

1. Líderes comunistas flagrados jogando cacheta enquanto o “pau quebrava” nas ruas e praças justificavam que “líderes não podem se expor”

2. Espancamento do Zago na Praça da Prefeitura (confirmado pela vítima) e não na Praça da Catedral,

3. Espanhol (da XV) disfarçando lendo a Gazeta Esportiva na Praça XV no meio da correria e pancadaria,

4. Iulo preso pelo DOPs.

Por ocasião da passeata contra a ditadura, em junho de 1968, os moradores da Casa do Estudante foram as ruas, com a orientação de que levassem seus radinhos portáteis para recebermos instruções de um colega (Bira – Radio Renascença) que trabalhava numa rádio local e poderia sinalizar os pontos mais perigosos na cidade. Combinações, planejamentos dignos de filmes das guerras mundiais... O fato é que nada funcionou...

Mais tarde constatei que meu radinho, que estava no bolso da "japona", foi partido ao meio. Hipóteses prováveis: 1) Um golpe de espada de um cavaliço? 2) Algums queda durante a correria; 3) Força manual segurando or radio para não cair durante a correria? ????

### 31. ATIVIDADES SOCIAIS DO CENTRO ACADÊMICO ROCHA LIMA

**Paulo Roberto B, Evora (Ludô)**

O presente texto não é praticamente a descrição de “causos”, mas não poderia faltas porque as lembranças também tem a finalidade de ser uma espécie de memória marota da XVI Turma da FMRP-USP.

**Baile do Calouro.** Tratava-se de um baile como mandava a tradição das escolas da época, marcada pela alegria descompromissada. Significava a “liberdade do calouro” que deixava de seguir o obrigatório uso da tradicional boina amarela. Como curiosidade histórica sempre permaneceu a explicação da cor amarela e não verde. Esse fato se tornou, talvez, a minha primeira curiosidade científica. A explicação mais palusível foi embasada na história de que o Hemil Riscalla foi a São Paulo adquirir boinas verdes e, não encontrando, comprou as boinas amarelas porque estavam baratas.

Os bailes eram realizados no ginásio de esportes, que se transformava em um lugar de sonhos. As paredes e o teto eram decorados por painéis significativos do tema adotado. Lembro-me que duas das decorações “marcaram época”: 1) A nossa suspensão por uma semana por causa do mugido ocorrido na aula do Prof. Sawaia, e; 2) A revolta dos estudantes franceses, que ocuparam o Quartier Latin (éramos todos comunistas...)

**Baile Branco.** Era o grande acontecimento da época e, aproveito para mencionar um aluno da XVI Turma, o Sergio Lehfeld (“Sergio Puff”) que a partir do primeiro baile organizado por nossa turma, trouxe uma Torre Eiffel que sobrou de uma feira internacional em São Paulo. Emociono-me quando me lembro da visão proporcionada pela entrada da Bandeirantes quando tínhamos a visão iluminada da torre do Sergio e as escadarias (arquibancadas do campo de futebol) pintadas de branco e com forte iluminação. Estávamos “sur Le ciel de Paris”. Esse baile era tão famoso que, em determinado ano, a Sociedade Recreativa de Esportes realizou sua tradicional Festa Havaiana e dançou ... Acho até que os sócios da Recra, prevendo o fiasco já estavam com seu “smokings” no carro. Após a meia noite os “bailarinos brancos” tiveram um acréscimo tão grande que quase se estabeleceu o caos. Enquanto isso, só se ouvia o lamento isolado de uma guitarra havaiana no alto da cidade.

**Festa caipira.** Era realizada pela Associação Atlética Acadêmica Rocha Lima (AAARL) que depois foi passada para a nossa Comissão de Formatura. Além da exigência do traje típico, merecem menção duas atividades: 1) A carroça puxada pelo burrico do Pedrão (Zelador da Casa do Estudante) com a qual fazíamos o maior barulho na cidade como propaganda da Festa Caipira. e; 2) O porquinho que a gente cobria de óleo com complemento de bosta autógena e soltávamos no salão à meia-noite ( hoje penso que poderíamos ser enquadrados pela sociedade protetora dos animais).

O porquinho era obtido na pocilga da faculdade e merece um breve relato “emblemático”. Um determinado ano, o professor Moura-Gonçalves (então diretor da Faculdade) resolveu não doar o porquinho. Pronto... Estava criado o drama de última hora... O professor escorraçava todos que tentavam contatá-lo.

Eu já estava cansado de pregar pé de bananeiras nas pilastras do ginásio e, em todo momento, vinham a mim...Foi então que resolvi tentar convencer o professor com ao argumento de que o porquinho era uma tradição da faculdade. Encontrei-o na porta de sua casa e o professor me recebeu vestido com uma bermuda de pijama, cigarro com grande segmento de cinza e uma enorme fera canina ao seu lado. Após as negativas a todos os meus argumentos, resolvi arriscar “um pé no balde”

“Professor, eu assumo a utilização do porquinho, e, na segunda-feira eu procuro o senhor para receber alguma punição. Boa noite professor, desculpe-me aborrecê-lo”. E já saindo, uns 10 metros, ouço...

**EVORA, PEGA ESSE PORCO E ENFIA NO CU !!!**



## 32. Os primórdios de nossa atividade profissional

**Antonio Carlos Panzardi (Panza).**

" Nosso sexto ano dediquei meu tempo, além das disciplinas curriculares desse ano, ao Departamento de Cirurgia. Pedi autorização ao Prof. Rui Ferreira Santos e me foi concedida atividades como compilar trabalhos recentes em revistas de Medicina e, de preferência, assuntos ligados às patologias dos internados, que seriam ou que já haviam sido operados em período de internação recente! Todo sábado de manhã eram apresentados e discutidos, os casos escolhidos, na reunião Anátomo Clínica do Departamento.

Aos poucos me foi solicitado fazer flebotomias na véspera dos pacientes que iriam ser operados, e dosar o Ph do lavado gástrico, dos que seriam submetidos à cirurgia gástrica. Com tanto empenho houve alguns convites para eu instrumentar, caso pudesse, cirurgias do Professor fora do HC! Lembro que o auxiliar era o Dr. Ceneviva, nosso professor.

Quando nos graduamos, dias após, o Professor Rui me chamou em sua sala e, pessoalmente, convidou-me para a Residência na Cirurgia Geral! Nessa época eu ansiava em voltar para São Paulo, para ficar próximo da Suely, minha namorada desde os tempos de cursinho, com quem viria casar no final de 1º ano de residência, e, do meu pai, que viúvo, vivia só com uma tia- minha mãe falecera de câncer de mama quando estávamos no 4o ano- Foi difícil comunicar ao Professor a decisão. Declinei do convite e ele desapontado desejou-me sorte. Foi, com o choque, o que ele me conseguiu!

Fui para São Paulo, deixando uma residência garantida, e prestar um exame no A C Camargo, com 400 concorrentes do Brasil inteiro! Fui aprovado, numa das 6 vagas! A escolha desse hospital, por fama de formar bons cirurgiões, também se deu por conta do interesse em saber mais dessa doença que havia levado minha mãe, e também corroborada pelo José Elias Miziara, irmão do Kiko nosso colega de curso! Três anos de intensa atividade e quando me graduei, na residência, percebi que não era, exatamente, o que

Através de colegas conheci um Cirurgião Plástico que precisava de auxiliar em suas cirurgias! Ficamos quatro anos juntos, quando fiz meu incurso solo na especialidade. Fiz muitas cirurgias reparadoras, pela enorme experiência que a Residência me deu, assim como cirurgias plásticas estéticas que pratiquei com meu colega e Chefe!

## EPÍLOGO

**CARLOS HENRIQUE FALCÃO TAVARES (MAFINHA)**

*NÃO É QUE QUEIRA DAR TRABALHO PRA VOCÊS!?!;*

*NÃO É QUE EU QUEIRA QUE A NOSSA 2A EDIÇÃO, FIQUE MAIOR QUE A 1A!?!;*

*NEM QUE JÁ FIQUEMOS COM MATERIAL PARA UMA 3A!?!*

*MAS, RETROSPECTIVAMENTE, PENSEI NUM TEMA QUE TODOS E CADA UM PODERIA CONTRIBUIR COM SUAS PARTICULARIDADES, CURIOSIDADES, EMOÇÕES, COMO E QUEM ME FIZERAM CHEGAR ONDE ESTOU, NÃO SÓ GEOGRAFICAMENTE, MAS TAMBÉM PROFISSIONALMENTE?!? EU MESMO FICO CURIOSO EM SABER COMO UM SANTISTA JUNTO COM UMA “GRINGUINHA” SUA QUERIDA COMPANHEIRA FORAM PARAR NO INTERIOR DO PARANÁ; COMO O MAURÃO FOI PARAR NA FIOCRUZ; OU COMO MARQUINHOS FOI FAZER NEUROCIRURGIA, FICAR EM RIBEIRÃO E ATÉ PARAR NA AMAZÔNIA (INCLUSIVE SABER SUAS IMPRESSÕES SOBRE ESSA REGIÃO); COMO O TONE RESOLVE FICAR NA FACULDADE E AINDA NUMA ESPECIALIDADE QUE NÃO TÍNHAMOS REFERÊNCIAS NO CORPO DOCENTE DA ÉPOCA?!? ETC ETC EU ATÉ TENHO ALGUMAS COISAS INTERESSANTES DESSE PROCESSO... DEPOIS EU CONTO!*

*MAIS, COMO NOSSOS CAUSOS SÃO FICÇÕES BASEADAS EM FATOS REAIS E REPITO O QUE APRENDI COM CARMEN PAULA, UMA MESTRA EM FICÇÃO, “ TODA FICÇÃO TEM UM QUÊ DE REALIDADE, ASSIM COMO TODO OBRA DE REALISMO, ATÉ DOCUMENTÁRIOS TEM UM QUÊ DE FICÇÃO “ DAÍ FICO COM A CERTEZA QUE ALGUNS COLEGAS, ALÉM DE SUAS ESTÓRIAS PARTICULARES; PELA PROXIMIDADE- INTIMIDADE VÃO PODER ESCREVER ESSAS ESTÓRIAS DE COLEGAS QUE JÁ SE FORAM COMO RUI BARBOSA, NICOLA&PANZ, SOBRE O QUINCAS; A EVANGELINA SOBRE O JOÃO TERRA; ETC ETC*

*ENTÃO CARA DA XVI, O PROJETO DO SEGUNDO LIVRO, COMEMORATIVO DO NOSSO JUBILEU DOURADO, COMEÇOU COM DÚVIDAS SOBRE A SUA VIABILIDADE, COMPLETOU-SE COM A MESMA SENSIBILIDADE DO PRIMEIRO LIVRO COMEMORATIVO DOS NOSSOS 45 ANOS.*

***FOTOS PARCIAIS E ALEATÓRIAS***



&



















































